CORPOEXPERIÊNCIA

//

a estranheza na cidade enquanto possibilitadora da criação de espaços outros

trabalho final de graduação

universidade federal da bahia // faculdade de arquitetura - FAUFBA

CORPOEXPERIÊNCIA

//

a estranheza na cidade enquanto possibilitadora da criação de espaços outros

júlia dominguez da silva

orientação
Paola Berenstein Jacques

***aos meus** familiares (em todas as suas formas)*

agradecimentos

Esse momento me é muito caro por saber que, sem essas pessoas, este trabalho não teria existido da forma que é. Portanto, agradeço infinitamente:

a todas e todos que integram o grupo de pesquisa Laboratório Urbano e parceiras(os) pelos debates e aprendizados;

a Paola Berenstein Jacques, que aceitou me orientar e desorientar quando nem mesmo sabia sobre o que seria este trabalho, e por toda sua riquíssima produção acadêmica e intelectual;

a Ariadne Moraes, Clara Passaro e Dilton Lopes, não só por terem aceitado compor a banca, mas também pelo olhar afetuoso e críticas construtivas, que me fizeram ir além e desejar continuar indo;

a Igor Queiroz, pelos carinhosos "puxões de orelha", fazendo com que voltasse pro eixo quando me sentia desesperada e ansiosa rs e por toda ajuda, junto com Alyssa Volpini, com a diagramação;

a Larissa Dantas que, com sua sabedoria e inteligência, segurou a minha mão e me fez acreditar que seria possível;

a Leonardo Vieira, por toda escuta e pela ideia de fazer este trabalho partindo de um corpoexperiência. não teria chegado nesse ponto sem você;

a Luciana Souza, pela guiança, inteireza, acolhimento e criação conjunta do corpoexperiência;

a Rafaela Izeli, que me acolheu em momentos de turbilhão e me ajudou a pensar a organização do trabalho;

a Mariana Guedes, psicóloga que me acompanha, que me auxiliou a "respirar, sentir e relaxar" nesse processo e nas inúmeras crises;

a Serena Araujo Leite, que com imensidão de existência movimenta mares internos pelo olhar.

A minhas amigas e amigos:

Camila Jatobá, Carolina Ribeiro, Danilo Navarro, Felipe Augusto Araujo, Gabriela Leite, Isis Gomes, João Almy (além do companheirismo, amor e suporte), Júlia Caribé e Luan Boré pelos fartos diálogos que sempre me convidam a pensar e caminhar;

Alyssa Volpini, Maria Eduarda Azevedo, Nadine Nascimento, Nathan Bastos e Ricardo William por todas as trocas e por partilharem outras possibilidades de existir em arquitetura e urbanismo.

A toda minha família, mas principalmente,

ao apoio incondicional de minha mãe, Célia Baqueiro, e pai, João Muraro.
a minha irmã, Clara Dominguez, pela partilha de uma vida inteira e sua semente germinante (vulgo Lucas) que já tanto amo.

Os registros fotográficos das experiências deste trabalho foram feitos por câmeras de celular e agradeço a João Almy, Luciana Souza e Ricardo William por terem me acompanhado e fotografado.

Lanço também um muito obrigada a todos os corpos não nomeados que participaram desse processo, de alguma forma.

sumário

_ caminhos e desvios + cápsula 1 **11**
narrativas errantes **21**
a estranheza na cidade **24**
um corpo estranho + cápsula 2 **50**
experiência urbana + filosofia **56**
referências bibliográficas/audiovisuais/sonoras **67**

_ tentáculo
preparação de corpo **73**
preparação de corpo: prelúdio **82**
preparação de corpo: experiências em espaço público **83**
experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados **86**
insistência urbana **98**
insistência urbana: Parque Jardim dos Namorados **99**

_ tentáculo
preparação de corpo: o improviso do contato **108**
experiência urbana: Largo do Pelourinho + cápsula 3 **111**
preparação de corpo: yoga **124**
insistência urbana: Largo do Pelourinho **126**

_ tentáculo
preparação de corpo: danças populares **136**
experiência urbana: Parque Metropolitano de Pituaçu **139**
preparação de corpo: um encontro no parque **149**

_ tentáculo

experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados **156**
preparação de corpo: capoeira angola **166**
experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados **171**
preparação de corpo: “é como andar de bicicleta” **192**

Tudo que é imaginado, tem. Existe. É.
Sabia que tudo que é imaginado existe e é e tem?
(Estamira, 2006)

caminhos e desvios

caminhos e desvios

Este trabalho se coloca aberto à tentativa e ao erro. Entendendo ele, o famigerado erro, enquanto fagulha para criação. Este trabalho é, também, sobre processos, modos de fazer, que sempre são plurais.

Muitas rotas foram recalculadas, e por mais assustador que seja em alguns momentos, entende-se enquanto necessário e fazendo parte dele, o processo.

Em 2010 ingresso na UFBA no recém nascido curso de Serviço Social. Naquele momento, com 18 anos e uma visão de mundo romantizada e privilegiada, projetei na profissão uma fantasia quase que fantasmagórica. Permaneci nessa graduação por dois semestres até entender que na verdade escolhi um curso ao qual não tinha entendimento nenhum de sua prática e percebi que ainda não estava no lugar que desejava, mesmo sem saber qual seria. Foi com essa experiência que entendi de maneira mais aprofundada, pela prática, como a mobilidade urbana é complexa e o sistema de transporte público insuficiente, ao ser bolsista voluntária pelo PET-saúde (Programa de Educação Tutorial) na comunidade de Bate Coração (Paripe) e demorar cerca de duas horas, em transporte coletivo, para chegar na unidade de saúde do bairro saindo do campus da UFBA de São Lázaro. Foi nesse período que, também, presenciei o sofrimento e recorrência do extermínio de jovens negros e a precariedade de acesso à saúde pública com seus profissionais exauridos e fazendo um esforço imenso para levar o

melhor atendimento possível aos usuários (perceber as problemáticas do Sistema Único de Saúde em nada invalida ou diminui sua importância e necessidade de manutenção e fomento).

[Como não entender as cidades a partir de um olhar transdisciplinar? Porque nos mantemos[1] pensando cidades as esvaziando de seus corpos? É possível pensar nos corpos das cidades sem ter entendimento de si enquanto corpo? É possível refletir sobre cidades sem pensar nas existências e dinâmicas ali impostas?]

Ao entender que não seria enquanto assistente social a minha prática profissional e me sentir desencontrada, optei pelo também recente curso do B.I. (Bacharelado Interdisciplinar) e mais uma questão: em qual área?
Ciência e Tecnologia foi a escolhida e lá dentro me aventurei em diversos cursos. Transitei por disciplinas de Geologia, Teatro, Engenharia Civil, Comunicação, Engenharia Ambiental e Arquitetura e Urbanismo. O Bacharelado Interdisciplinar possibilita uma experimentação e intercâmbio entre diversos campos e pessoas. Acredito que esse seja o ouro nesse formato de graduação, a multiplicidade. Em dado momento do curso entendi que caminharia na direção da FAUFBA por tatear a complexidade e leque de possibilidades de atuação. Não à toa fiz cursos de

[1] Aqui me refiro aos profissionais da Arquitetura e Urbanismo que tendem a manter um pensamento e olhar retrógrado acerca das cidades e planejamento urbano.

produção em cenografia, direção de arte, marcenaria e tantos outros complementares a essa formação extremamente vasta.

A cada experiência, mais e mais camadas e bagagens.
Tem sido uma longa viagem.

Viagem essa que se fez imprescindível no que diz respeito a minha chegada ao grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA), em 04 de março de 2020 - na primeira reunião da pesquisa coletiva Cronologia do Pensamento Urbanístico[2] que participei e a última reunião presencial ocorrida antes do isolamento social causado pela pandemia do COVID-19 - e, finalmente, encontrar processos metodológicos de pensar, fazer e narrar[3] que me trouxesse a, até então estranha, sensação de me sentir contemplada, de alguma forma, no meio acadêmico. Por tempos entrei em fluxo de corrida contra mim mesma (fluxo esse que pode ser esmagador). Entre angústias e esmagos e paralisias mais me sabotei do que apreciei a vista (o que também faz parte do processo).

---

[2] Pesquisa coletiva do grupo ao qual faço parte enquanto bolsista IC (Iniciação Científica) e que se propõe a contribuir na formação de novas pesquisadoras e pesquisadores, entendendo a cronologia de uma perspectiva também anacrônica, não linear, o que nos embute em processo de escavação da historiografia do urbanismo com outro olhar, sendo de tremenda importância para a formação acadêmica e profissional. Ver em <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br>.

[3] Trago aqui enquanto referência os tomos I, II e III das Nebulosas do Pensamento Urbanístico, onde formas de pensar, fazer e narrar são desenhadas numa tentativa de instaurar outras *práxis* na academia.

(cápsula 1

borboletas

certa vez li que "o encontro é uma ferida"[4], um
acidente, que as vezes nos toma de assalto.
sinto que é sim uma ferida, porém aberta, latejante,
pulsante.
sinto todas as nuances dessa ferida como sinto as
borboletas em meu estômago agora.
borboletas ansiosas. sempre se debatendo entre si e
nas paredes que as limitam.

me lanço na pista em busca de um acidente-ferida
e que por ser ferida, fenômeno que marca no mais
rápido olhar e que sem pestanejar, rasga.
por vezes acarinha, mas sempre marca.

ferida aberta, vulnerável, exposta. nua e crua.
encontro que as vezes amputa, vezes florece, vezes
tudo junto.

deixar o corpo se tornar passagem dói.
na dor-amor constato: há vida aqui dentro.
por mais encontros.
e que venham as feridas_que também curam.

20.03.2021)

[4] Referência ao texto "o encontro é uma ferida", excerto da conferência-performance Secalharidade de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio e que inspirou a escrita dessa poesia.

A experiência do Atelier III (2018), tendo Ariadne Moraes, Daniel Marostegan e Ida Matilde Pela enquanto docentes, foi de extrema importância no entendimento de que cabe, sim, adentrar ao sutil no ato de propor e refletir sobre espaços urbanos, dialogando com manifestações artísticas/criativas. E pela primeira vez durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, estudar sobre projeto fez algum sentido[5]**.**

[Com a intencionalidade de trazer outras linguagens ao trabalho, decidimos inserir textos poéticos escritos de forma livre em que narramos processos experienciados transmitindo, de alguma forma, sensações corporais, afetações. Os nomeamos de "cápsulas" por entendê-los enquanto elementos descolados, isolados e, de certa forma, condensados, mas que se relacionam com a narrativa do trabalho e seu sentido.]

Participei de diversas experiências transformadoras e complementares à minha formação, na intenção do encontro com o sutil e a integralidade do ser. Dentre elas destaco o curso de fotografia artística (com Amanda Moraes - 2020), imersões e práticas de dança intuitiva (com Inaê Moreira - 2019/2020), o minicurso de dança para o autocuidado (com Candai Calmon - 2021), iniciação - nível 3A - em Reiki Usui (com Amanda Menezes - 2020/2022), curso de yoga para corpos urbanos (com Danilo Patzdorf - 2021/2022). Ponho à mesa essas experiências por entender que esse trabalho já estava sendo gestado no inconsciente, de várias formas.

[5] Após uma experiência traumatizante e desestimuladora com o Atelier I, onde alguns colegas trancaram a disciplina e/ou desistiram da graduação.

Em muitos momentos me senti perdida e, para além do encontro com o Laboratório Urbano e o Atelier III, um momento importante para entender que era possível fazer um trabalho teórico-prático em que o corpo fosse incluído enquanto princípio ativo no processo propositivo/projetual, foi a defesa do Trabalho Final de Graduação de Andressa Mascarenhas, cujo título é "CORPO-RAIO: metodologias de criação de espaço através do audiovisual", em dezembro de 2019.

Ao andar pelo pórtico da FAUFBA após uma aula de atelier, me deparei com a defesa. Assisti aquele momento com muita admiração. Em minha frente estava algo desconhecido, estranho, e isso me causou inúmeras sensações físico-emocionais as quais não conseguiria descrever ou mensurar. Ao final da apresentação apenas dei um abraço apertado em Andressa, agradeci imensamente por seu trabalho e me retirei, pois não estava mais conseguindo conter a emoção.

Em seu trabalho foi defendido que o audiovisual, englobando a dança, o corpo, a fotografia, a música e o espaço, possui um caráter projetual e que está intimamente ligado ao fazer profissional de uma arquiteta.

> "Numa lógica da arquitetura modernista e funcional, pensar num trabalho que fale sobre processos e abraçar o fato de que ele não tem um fim pré-estabelecido tem sido bastante desafiador.

[...]

Esse trabalho fala [...] sobre poder criar e pensar espaço a partir de outros estímulos, elementos e linguagens para além da mera reprodução da técnica arquitetônica. Peço licença e abro caminhos para que os que virão não se sintam tão solitários quanto eu me senti nesses processos de legitimação de discurso. Agô!" (MASCARENHAS, 2019, pg. 18 e 19)

Esse momento mudou o rumo da minha formação. Um desvio se abriu. Novas possibilidades se criaram.

A necessidade de fazer este trabalho relacionando a teoria com a prática e observar os movimentos resultantes disso se deu de forma instantânea por entender que,

> **[...] a harmonia e conjunção entre o que se pensa e se fala, prega, expressa, ensina, escreve e aquilo que se faz, efetivamente, como modo de vida, se perdeu. Essa conexão se perdeu. [...] Não podemos fazer isso aqui. Fiquemos muito simplesmente com a ideia de que hoje, no mundo ocidental, a disjunção entre os discursos e as práticas tornou-se norma, não causando estranheza. (ASPIS, 2021, p. 19 - grifo nosso)**

A norma, que muito tem sido debatida[6] e modificada ao longo dos anos, em Trabalhos Finais de Graduação (FAUFBA) girava em torno do desenho de projetos[7] em Arquitetura e/ou Urbanismo aos quais não se pode negar a existência de um indivíduo que pensa, sente, desenha e projeta tal proposta, estando assim, implicado de forma direta e subjetiva ao processo, não sendo, dessa maneira, imparcial.

Ao iniciar as escavações teóricas para o desenvolvimento deste trabalho e compreender que se trataria da ação de um corpo na cidade, sempre soube que utilizaria o meu corpo para propor essa experiência urbana, seguindo a lógica apresentada acima, de uma existência que pensa, sente, desenha e projeta (no sentido de partilhar, irradiar ao longe) tal proposta.

Sempre existiu uma cautela ao ter o próprio corpo enredado na proposição de maneira tão visceral, não tendo assim um afastamento, e o risco de que o processo e resultado acabassem sendo direcionados a uma narrativa autocentrada. O risco foi incorporado e, como disse anteriormente, este trabalho é, também, sobre a tentativa e o erro.

Mesmo tendo o meu corpo enquanto princípio ativo implicado com o espaço público e unido a reflexões teóricas, este não é um trabalho apenas sobre processos individuais meus (que estarão sempre em diálogo com processos coletivos).

---

[6] Agradeço aqui ao grupo de pesquisa Laboratório Urbano por sua produção e incentivo aos estudantes em desbravarem outras formas de fazer e pensar seus Trabalhos Finais de Graduação, assim como todo o processo de formação.

[7] Entendimento que se restringia ao projeto arquitetônico/urbanístico convencional.

Este é um trabalho reflexivo acerca de cidades, corpos e experiência urbana.

A rua, o espaço público e suas relações com os corpos e inúmeras camadas de disputa, sempre foi o que mais me instigou durante a graduação e quando me matriculei no tão aguardado Atelier V, guiado por Paola B. Jacques, para que ocorresse um aprofundar nesse saber, a pandemia se deu e tudo entrou em suspensão.
Cursei o Atelier V então em formato remoto, e mesmo nessas condições[8], Sanane Sampaio e Mayara Araújo conseguiram tirar "leite de pedra", sendo uma experiência de muitos aprendizados. Este TFG surge enquanto um desdobramento, também, de todos os trabalhos e reflexões desenvolvidas no Atelier V, em 2021. As fagulhas que foram incitadas ali reverberaram de tal forma, que não consegui seguir por outro caminho.

Peço licença, assim como Andressa, a todas que vieram antes de mim, tornando possível apresentar a proposição que se desdobra de todos os caminhos e desvios narrados acima (e de muitos outros que não aparecem de forma direta).

[8] Evidenciamos essa frase por entendermos que um Atelier sobre planejamento urbano e regional em dimensão virtual é um desafio.

narrativas errantes

A partir do argumento de Benjamin sobre o empobrecimento da experiência estar relacionado a perda da capacidade narrativa, estando em vias de extinção (BENJAMIN apud JACQUES, 2014), adiciono também ao processo relatos de cada experiência da preparação de corpo e somo a isso à defesa de que "Todo relato é um relato de viagem, uma prática do espaço", "Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diegese*, termo grego que designa narração: instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride)" (CERTEAU apud JACQUES, 2014).

Em seu livro "Experiência nº2", Flávio de Carvalho, com a motivação de estudar a psicologia das multidões, caminha adornado com seu boné de veludo verde, de maneira provocativa, em contra-fluxo à procissão de Corpus Christi, que acontecia em São Paulo, no ano de 1931. Flávio possuía o desejo de "palpar psiquicamente a emoção tempestuosa da alma coletiva, registrar o escoamento dessa emoção, provocar a revolta para ver alguma coisa do inconsciente" (CARVALHO, 1931).

Flávio nos presenteia com uma narrativa errante com riqueza de detalhes. De descrições espaciais e de expressões e vestimentas à afetações pessoais viscerais, quase que nos convidando a experienciar junto com ele aquela situação.

Com essa narrativa errante enquanto referência, e por termos muitos momentos de campo durante o processo deste trabalho, decidimos relatar e trazer os cadernos de campo, para assim como

Flávio, descrever as ações e afetações resultantes das mesmas, mas também reflexões acerca das experiências. Não sabemos se teremos necessariamente respostas, mas os questionamentos ficam enquanto fagulhas movimentadoras.

Entendemos também essa narrativa errante e todo este trabalho enquanto uma grande cartografia. Suely Rolnik nos convida a refletir sobre isso ao afirmar que, para um cartógrafo, a teoria é sempre cartografia (ROLNIK, 2016). Ao nos abrirmos a diversos saberes e afetações, dialogamos com seu pensamento de que "Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas" e, com isso, o cartógrafo está sempre em busca de insumos, alimentos para compor suas cartografias (ROLNIK, 2016).

> Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagens favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, "entender", para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo,

> inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 2016, p. 65 e 66)

Suely define que o perfil do cartógrafo dialoga intimamente com "**um tipo de sensibilidade**, que ele se propõe a fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho." (ROLNIK, 2016) e para tal se faz necessário um diálogo honesto e incessante entre seu olho molecular e molar (ou seja, de todo o seu corpo vibrátil), tendo enquanto intenção apreender

> o movimento que surge da **tensão fecunda** entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. [...] Desafio necessário - e, de qualquer modo, insuperável - da **coexistência vigilante entre macro e micropolítica, díspares, mas complementares e indissociáveis** na produção de realidade psicossocial. (ROLNIK, 2016, p. 67)

Dentro de todos os processos de escavação em que o cartógrafo se coloca, existe uma regra basal para seu trabalho que é a de ter "um limite de tolerância para a desorientação e reorientação dos afetos, um 'limiar de desterritorialização'" (ROLNIK, 2016), que lhe dá a possibilidade de expansão em sua prática, mas sempre dentro do

entendimento desse limiar. O cartógrafo está sempre "em nome da vida" (ROLNIK, 2016), esse é o seu limite.

> **A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em última instância, à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, ao real social.** [...] **A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política.** (ROLNIK, 2016, p. 69)

a estranheza na cidade

Dicionário _ Definições de Oxford Languages
estranheza
/ê/
substantivo feminino

1. caráter diferente, singular, incomum de alguém ou de algo; bizarria, singularidade.
2. impressão, sensação mais ou menos desconfortável de uma pessoa diante desta diferença, desta singularidade.
   "causou-lhe e. aquela gravura"

> [...] **o espaço público é considerado como o espaço da ação política ou da possibilidade da ação política na contemporaneidade**. Esta característica fundamental contrasta, nas cidades contemporâneas, com o processo de incorporação dos espaços públicos urbanos como mercadorias para o consumo, dentro da

> lógica de produção e reprodução do sistema capitalista na escala mundial. Pois ainda que sejam adjetivados como públicos, **poucos se beneficiam desses espaços teoricamente comuns a todos.** (SERPA, 2008, p. 174 - grifo nosso)

> É preciso ocupar o lugar que **incomoda.** Habitar o inabitável. (PEREIRA, 2022[9] - grifo nosso)

A partir da errância enquanto manifestação no espaço urbano que tensiona, vai de encontro, profana o uso ao qual foi planejado (JACQUES, 2014), trago um corpo estranho em espaço público como proposição movimentadora dos espaços e existências. Carregamos enquanto desejo a artesania de um corpo que detenha em si a possibilidade de errar na cidade e experimentar no espaço a fim de criar uma narrativa desviatória.

[Como seria esse corpo? Como ele se move? Ele se veste? De quê? O que ele deseja? Quais camadas ele explora e investiga em sua territorialidade para causar espelhamento e, com isso, afetação, a quem é interceptado pela experiência?]

Para tatear um corpo que possua caráter propositivo em diálogo com os espaços que estiver inserido, se faz necessário entender que estamos imersas numa sociedade anestesiada, com experiências

[9] Fala proferida durante as Jornadas Experimentais 2, na FAUFBA.

esterilizadas (JACQUES, 2014) e corpos com poros enrijecidos, fechados, com características esquizóides (LOWEN, 1979).

> A perda completa do contato com o corpo caracteriza o estado esquizofrênico. [...] Por outro lado, o indivíduo esquizóide sabe que tem um corpo e possui, portanto, orientação no tempo e no espaço. Mas, uma vez que seu ego não está identificado com seu corpo, e não o percebe de maneira viva, ele se sente desligado do mundo e das pessoas. [...]
>
> A confusão de identidade caracteriza a maioria das pessoas em nossa cultura. Existem muitas pessoas que lutam com um difuso senso de irrealidade em relação a si próprias e suas vidas. (LOWEN, 1979, pg. 16 e 17)

Reflexões acerca dessa temática são desenvolvidas pelo psicanalista Alexander Lowen em seu livro "O corpo traído", defendendo a partir de análises clínicas que, diferente do tempo ao qual Freud está inserido, onde o problema psíquico "típico" era a histeria, no mundo moderno seriam as características esquizóides (MAY apud LOWEN, 1979), que perpassam pela dissociação entre estados do corpo, sendo assim, não integralizado e entendido de si. Lowen (1979) diz que a alienação acometida às pessoas do mundo moderno

faz com que nos apeguemos à imagens[10], símbolos, elementos descolados de nossa corporalidade e realidade.

Dialogando com esse processo apresentado acima, em "Esferas da Insurreição", Suely Rolnik fala sobre estratégias de combatimento ao inconsciente colonial-capitalístico (ou cafetinístico) que se apropria da nossa pulsão vital, nos tornando seres cafetinados, inertes, e uma das formas de combater essa lógica estrutural e opressora é, primeiro, tomando consciência da mesma e em esforço coletivo de reapropriação da nossa potência, construir o que se entende enquanto o comum (ROLNIK, 2018).

> **Há de se buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos. Um trabalho de experimentação sobre si que demanda uma atenção constante. (ROLNIK, 2018, p. 37)**

Ao investigar o que poderia ser essa "pulsão vital" e instaurar a consciência de um corpo que vibra, aconteceu um aprofundamento em meu corpo sob estado esquizóide, dissociado, e o estranho surge enquanto elemento que tendemos a recalcar de nossa existência,

[10] "O termo 'imagem' refere-se a símbolos e criações mentais em oposição à realidade da experiência física. Isto não quer dizer que as imagens sejam irreais, porém elas possuem uma ordem de realidade diferente dos fenômenos corporais. Uma imagem deriva a sua realidade da sua associação com sentimentos e sensações. Quando esta associação é interrompida, a imagem torna-se abstrata." (LOWEN, 1979, pg. 17)

um refugo individual-coletivo que, se encarado, sentido e colocado para fora, pode incitar, a partir do espelhamento, um movimento coletivo da percepção de estranhos. Abraçar e acolher o nosso estranho é, também, dar luz a aquilo que está mantido oculto, movimentando, por consequência, tal possibilidade em espaços que nos inserirmos.

Nos aproximamos, então, do texto de Sigmund Freud intitulado de Das Unheimliche, de 1919, onde o autor defende que, o Infamiliar, "diz respeito ao aterrorizante", não se tratando de forma rigorosa e podendo coincidir, em geral, "com aquilo que angustia" (FREUD, 2021).

Para entendermos um pouco melhor essa palavra-conceito é importante termos em mente que a mesma possui inúmeras traduções. A escolha pela tradução da edição de 2021 ser "O Infamiliar" perpassa pela consciência de que um neologismo dialoga com a dificuldade de tradução, e até com o entendimento de que essa é uma noção que é de fato, intraduzível[11] (IANNINI; TAVARES, 2021). O Infamiliar nos convida a perceber esse sentimento angustiante, através do familiar, existindo uma paridade entre as duas palavras, sendo na movência entre o familiar e o Infamiliar, podendo uma memória involuntária despertar e surgir o estranhamento, existindo uma relação íntima entre o conforto e o desconforto.

Quando Freud analisa os desenhos dos monstros infantis e percebe que são rememorações dos ursos de infância tomados (FREUD,

[11] "o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir" (CASSIN apud IANNINI; TAVARES, 2021)

2021), tendo uma dimensão dentro dessa palavra-conceito que trata de uma afetação mais visceral e assustadora, mas tem uma dimensão que também é familiar.

Entendemos que o Infamiliar, ou estranho aterrorizante, que parte de um "familiar recalcado" (FREUD, 2021), afeta a fruição nos espaços, causando, dessa forma, possibilidades outras de fluxos e ocupação. Chegamos a esse entendimento ao nos depararmos com a narração de uma experiência urbana em que Freud explica "o fator da repetição do mesmo" (2021) associado ao Infamiliar, dizendo que

> Como certa vez, em uma quente tarde de verão, quando eu caminhava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana, e acabei numa região cujas características não me deixaram por muito tempo em dúvida. À minha vista, havia apenas mulheres maquiadas nas janelas das pequenas casas, e me apressei para abandonar a estreita rua na primeira esquina. Mas, depois de um tempo que vaguei sem direção, encontrei-me, subitamente, de novo na mesma rua, onde, então, levantei os olhos e chamou-me a atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio. Contudo, então, experimentei um sentimento que eu poderia apenas caracterizar como sendo da ordem do *infamiliar*; fiquei feliz por ter renunciado a fazer outras descobertas nessa viagem quando, rapidamente, já estava

> de volta à *piazza* de onde havia saído. (FREUD, 2021, p. 75)

Nesse relato, Freud nos mostra como o estranhamento que esse espaço lhe causa, gera uma tentativa de fuga, que se desdobra em desvios de rotas que o levam ao mesmo lugar, trazendo à tona um sentimento de desamparo e infamiliaridade pela repetição.

Não nos interessa evocar, necessariamente, o estranho aterrorizante nos corpos que se encontrarem com as experiências aqui propostas, mas sim investigá-lo em minha existência para assim, entender como desenhar um corpo estranho que provoque uma sensação de estranheza que não refute a possibilidade de troca. Muito do que é aqui colocado não pode ser mensurado ou palpável, por se tratar de movimentos subjetivos e que só a prática poderá trazer algum tipo de vestígio, mas traremos parcelas do processo de composição e ação desse corpo estranho a fim de tecer relações com o que foi trazido enquanto teoria.

Portanto, o processo proposto é o de preparação de um corpoexperiência, de retomada da pulsão vital (ROLNIK, 2018), de assumir, dentro do possível, o refugo, o estranho, tateando um caminho de dar luz às potencialidades sequestradas dos espaços públicos, entendendo que corpo e cidade são indissociáveis em sua experiência compartilhada.

> Talvez [...] estejamos vivenciando hoje um processo, uma busca hegemônica, de

> esterilização da experiência, sobretudo da experiência da alteridade na cidade. O processo de esterilização não destrói completamente a experiência, ele busca sua captura, domesticação, anestesiamento. A forma mais recorrente e aceita hoje desse processo esterilizador faz parte do processo mais vasto de espetacularização das cidades e está diretamente relacionado com a pacificação dos espaços urbanos, em particular, dos espaços públicos. A pacificação do espaço público, através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços. (JACQUES, 2014, pg. 22)

O planejamento urbano nos espaços públicos tem se entrecruzado a largas passadas com o setor privado nas cidades contemporâneas. A hipertrofia da esfera privada (TEIXEIRA, 2014) tem, cada vez mais, avançado em direção da captura da esfera pública, acirrando os processos de segregação e fragmentação sócio espacial (TEIXEIRA, 2014). Algumas dessas iniciativas ou omissões que fomentam esse movimento são:

> [...] o aumento do uso do veículo motorizado particular em detrimento do transporte público e do deslocamento não motorizado; a construção de grandes empreendimentos imobiliários - shopping centers; a fortificação (VASCONCELOS; CORRÊA; PINTAUDI, 2013) através dos condomínios e loteamentos

> fechados; vazios urbanos à espera de valorização e a privatização de espaços públicos. (TEIXEIRA, 2014, p.15)

Rem Koolhaas dialoga com o exposto acima, de maneira um tanto quanto cínica e irônica, em seu texto "Junkspace" (Espaço-lixo), onde incita a reflexão sobre aeroportos, *shopping centers*, rodoviárias, enquanto espaços privados de grande circulação e possuidores de uma estética pasteurizada, asséptica. Esse posicionamento pode ser entendido enquanto uma crítica a "cidade genérica", mas tenhamos atenção, pois muito ocorre no que diz respeito a um auto favorecimento ao praticar e projetar espacialidades dentro dessa lógica pasteurizada, flertando com um certo elogio a esse modo de fazer e pensar cidades. Ainda assim, utilizamos de suas reflexões enquanto insumo para elaborar um pensamento crítico acerca dos chamados espaços lixo e como, cada vez mais, uma prática e modo de projetar ambientes privados tem se capilarizado em espaços públicos, agravando as camadas de segregação e silenciamento velado já existentes nesses espaços.

dores, como na Idade Média; o ar condicionado mantém as nossas catedrais (sem se aperceberem, todos os arquitectos podem estar a trabalhar no mesmo edifício, separados por grandes distâncias, mas com receptores ocultos que posteriormente farão com que tudo resulte coerente). Como custa dinheiro, deixou de ser grátis, o espaço condicionado transforma-se inevitavelmente num espaço condicional; mais cedo ou mais tarde, todo o espaço condicional transforma em espaço-lixo... Quando pensamos no espaço, só olhamos para os seus contentores. Como no século xx; temos estado a ler uma nota de pé de página com um microscópio, na esperança que se transforme num romance; a nossa preocupação com as massas impediu-nos de ver a Arquitectura do Povo. O espaço-lixo parece uma aberração, mas é a essência, o principal... o produto de um encontro entre a escada rolante e o ar condicionado, concebido numa incubadora de Pladur (as três coisas faltam nos livros de história). A continuidade é a essência do espaço-lixo; este aproveita qualquer invento que permita a expansão, revela uma infra-estrutura ininterrupta: escadas rolantes, ar condicionado, aspersores, portas

orta-fogo, cortinas de ar quente... E sempre interior e
ão extenso que raramente se vislumbram limites;
omenta por todos os meios a desorientação (os espe-
hos, os brilhos, o eco)... O espaço-lixo é selado, man-
ém-se unido não pela estrutura mas pela pele, como
ma bolha. A gravidade permaneceu constante,
ssente no mesmo arsenal desde o princípio dos tem-
os; mas o ar condicionado —um meio invisível e que
ortanto passa despercebido— revolucionou real-
nente a arquitectura. O ar condicionado lançou o edi-
ício sem fim. Se a arquitectura separa os edifícios, o

ESPAÇO
dores, como na Idade Média; o ar condicionado
mantém as nossas catedrais (sem se aperceberem,
todos os arquitectos podem estar a trabalhar no
mesmo edifício, separados por grandes distâncias,
mas com receptores ocultos que posteriormente farão
com que tudo resulte coerente). Como custa dinheiro,
deixou de ser grátis, o espaço condicionado transfor-
corta-fogo, cortinas de ar quente... E sempre interior e
tão extenso que raramente se vislumbram limites;
fomenta por todos os meios a desorientação (os espe-
lhos, os brilhos, o eco)... O espaço-lixo é selado, ma
tém-se unido não pela estrutura mas pela pele, com
uma bolha. A gravidade permaneceu constante,
assente no mesmo arsenal desde o princípio dos tem-
pos; mas o ar condicionado —um meio invisível e que
portanto passa despercebido— revolucionou real-
mente a arquitectura. O ar condicionado lançou o edi-
fício sem fim. Se a arquitectura separa os edifícios, o

estado a ler uma nota de
croscópio, na esperança q
nance; a nossa preocupaçã
nos de ver a Arquitectura do
e uma aberração, mas é a e
produto de um encontro er
ar condicionado, concebido
ir (as três coisas faltam nos
do es
perm
interr
res, p
ndici
erceb
abalh
distâ
nente
ta dir
do tra
cional
, todo o espaço condicio
iço-lixo... Quando pensam
para os seus contentores.

(composições desenvolvidas por Ian Bueno, Júlia Domínguez, Mateus H., Ricardo W. e Sérgio Agnelo durante a disciplina História da Arquitetura Contemporânea (2017))

[...] a cidade formal vem sendo conformada como pequenas ilhas - os loteamentos - simples justaposição de espaços, com soluções repetidas, sem guias para a extensão do tecido urbano voltadas à dimensão pública.

[...]

Nesse contexto, cada vez mais as áreas públicas quando não são privatizadas, muitas vezes são encaradas como de ninguém (MENDONÇA, 2006; SERPA, 2007), quando em verdade são potenciais espaços públicos de visibilidade mútua, conflito, lugares de ação e da vida, do cotidiano, de experimentações, encontros, vivências e trocas, território de permanente disputa, político, espaço de construção do comum (HARDT; NEGRI, 2005).

[...]

Pode-se perceber que, em Salvador, grande parte das áreas públicas se conformam - e crescentemente - como restos. São sobras deixadas pelo traçado da malha viária e pelos projetos urbanos conformando espaços esquecidos, residuais (SAMPAIO, 2013), não projetados, não vividos, inertes e intersticiais. (TEIXEIRA, 2014, p. 15 - grifo nosso)

Palco de Guerra[12]

(Camilas, Jalmy)

Praça vazia
Palco de guerra
E essa guerra vazia
Pão de miséria
A luz é fria
A noite é grande
Praça vazia
Pois todo mundo se esconde
Praça vazia
Palco de guerra
E essa guerra vazia
Pão de miséria
A luz é fria
A noite é grande
Praça vazia
Pois todo mundo se esconde

Pra quem quiser ver, guerra acontece
E quem não pode se esconder, mudo padece
Mudez é reza, é proteção
Mas é também um fino toque de opressão
No relento da noite está velado
O sofrimento de um corpo abandonado
Que na tormenta da turba silenciosa
Assiste sendo apagada sua memória
----

[12] Ver em: https://youtu.be/jtfyV3gxnY4

Eu escutei cantar
No silêncio da noite
Um canto ébrio
Rouco, só, febril
A face finge um semblante
Siso, sério
Seu lugar não há
Fora da praça vazia
Ou do desterro
Em guerra não queria estar
Lhe elegemos punir
Por nossos erros
Quem dera sua presença
Não fosse tão invisível
Quanto a voz
Não há como negar
A cor que segue, cega e sangra
Pelo algoz

(Composição do filme ESTAMIRA)

(**Composição do filme SuperOutro**)

(**Composição do filme SuperOutro**)

(Composição do filme SuperOutro)

(Composição do filme SuperOutro)

(Composição do filme SuperOutro)

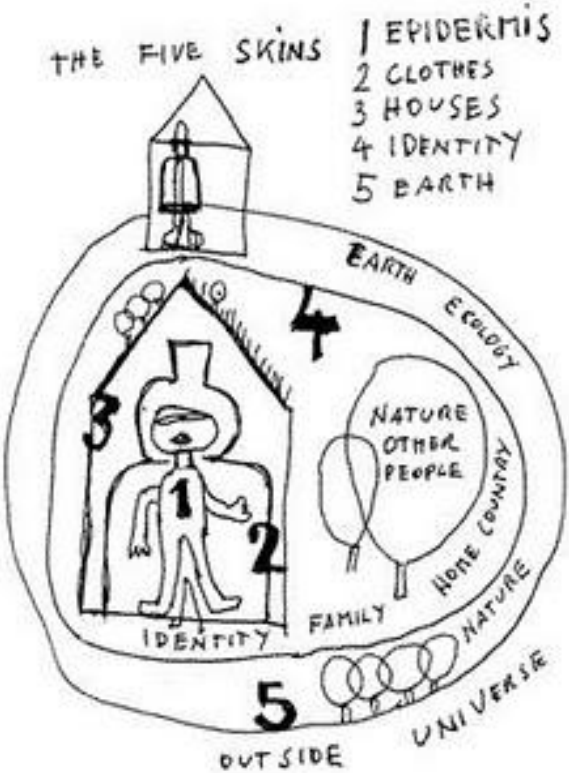
Colocar em relação fragmentos de uma dissertação em mestrado acadêmico com uma música e recortes de um filme[13], nos interessa por entender que, justamente como Andressa defende em seu trabalho, a arte (seja pela expressão do audiovisual ou da música) também produz reflexão crítica (e propositiva/projetual) acerca das cidades e suas conformações.

* * *

Refletindo sobre todas as questões apresentadas até então, acontece uma aproximação com a teoria das cinco peles de Friedensreich Hundertwasser, artista e arquiteto austríaco que se coloca enquanto valioso aliado ao desviar e questionar os modos de pensar e fazer arquitetura e urbanismo.

---

13 Ver SUPEROUTRO em:
https://www.youtube.com/watch?v=HqCOUyPsEHk
Ver ESTAMIRA em:
https://www.youtube.com/watch?v=-wHISEEXMh4



(Esquema feito por Hundertwasser)

Todo o trabalho, com o corpo escrito incluso, foi pensado em diálogo com a noção de Hundertwasser acerca da conformação de um indivíduo para que fosse possível pensar "o corpo para além de si e da arquitetura"[14] (DELAQUA, 2021). O artista defendia que o Homem possui cinco peles. Seriam elas:

[14] Ver em: <https://www.archdaily.com.br/br/959286/o-corpo-para-alem-de-si-e-da-arquitetura-as-cinco-peles-de-hundertwasser>

1. **Epiderme;**
2. **Vestuário;**
3. **Casa;**
4. **Identidade Social;**
5. **Mundo.**

Em seu trabalho, Hundertwasser nos coloca a "imaginar e experimentar outros modos de compreender a relação entre o corpo humano, os espaços e as ideias que o conectam com o mundo" (DELAQUA, 2021) e define a Epiderme, a camada exterior da pele, enquanto sendo uma potente ferramenta de conexão com o mundo que nos rodeia.

> **Diante do caos tecnocrático, Hundertwasser aconselha andar descalço, experimentar a nudez e tomar ciência da própria expressão individual. As ações não devem ser moldadas para se adequar ou transparecer uma imagem que não seja a sua própria verdade. É através da natureza primordial que a pele se estabelece como uma ponte entre o homem e a realidade, revelando a diferença que existe em relação ao corpo em si e à imagem que se cria dele. (DELAQUA, 2021)**

Dialogamos com essa Pele ao trazer o processo de preparação de corpo, da pele do corpoexperiência e trazemos um fragmento dessa

pele enquanto uma das cinco capas/peles do corpo físico deste trabalho.

O Vestuário é entendido como um "passaporte social", a forma como nos apresentamos ao mundo.

> Ao se contrapor à uniformidade anônima que as roupas produzidas em massa estabelecem na sociedade, Hundertwasser passou a costurar seus próprios trajes e clamava para que as pessoas trouxessem **mais criatividade** em suas vestimentas, como forma de proclamar o próprio individualismo, fator ideal para manter a diversidade do todo e possibilitar novos imaginários na sociedade. (DELAQUA, 2021 - grifo nosso)

Entendemos também o vestuário como ferramenta de controle social (assim como a epiderme, a casa e a identidade social), portanto dos corpos e culturas. Questões de raça, classe e gênero não podem ser ignoradas ao pensarmos nessa Pele. Trabalhamos aqui a camada do controle e opressão ao inserirmos essa Pele no corpo do trabalho na materialidade de elásticos, e nas experiências propostas, criamos um vestuário específico a fim de buscar, também, uma possibilidade de diálogo com o que foi proposto por Hundertwasser.

Na terceira Pele nos deparamos com a dimensão física da Casa. Esse seria o espaço conectado diretamente à malha urbana. No caso do trabalho desenvolvido aqui, entendemos a casa sob a perspectiva do que nos é familiar enquanto território nesse

processo. Os espaços que acolheram, estranharam e cocriaram com o corpoexperiência. No corpo do trabalho trazemos essa Pele enquanto fios emaranhados, colados, mas também com pontas soltas, cabelos dos que são familiares e que fazem parte de uma enorme rede de apoio.

A Identidade Social vem nos lembrar em como somos diferentes um dos outros e este fato se relaciona com o ambiente social através do qual nos afiliamos, da família até a nação (DELAQUA, 2021). Essa Pele nos atravessa a partir da troca e encontro com os muitos outros presentes na prática da experiência errante e narrativa errante. Trazemos enquanto representante dessa Pele, no corpo do trabalho, a colcha de retalhos, que constitui o aspecto individual e coletivo em diálogo, coexistindo e representando também a própria malha urbana com suas diversas camadas.

> [...] as afinidades eletivas proporcionam a vida numa coletividade que permite, através da convivência, trazer distintos aportes para a construção do caráter pessoal e de ideologias perante o comportamento moral e pensamento racional de cada pessoa.
> [...]
> É um momento no qual o ser humano se encontra com o outro e deve se ver no meio do ciclo natural e aprimorar sua função. (DELAQUA, 2021)

O Mundo explana a necessidade de pensarmos de forma coletiva e horizontal a fim de buscar o comum. Hundertwasser nos convoca a

pensar no meio ambiente, desde a pegada ambiental até impactos de grande escala.

> [...] a quinta pele volta seu olhar para o fato da evolução do ser humano conduzir à sua própria ruína, uma vez que está em constante conflito com a natureza. (DELAQUA, 2021)

Importante ampliar a noção de natureza apresentada pelo ponto de vista ocidental moderno, ao qual o ser humano tende a não ser compreendido enquanto pertencente, o que gera um vestígio sobre um possível entendimento de superioridade da Humanidade ao ocorrer essa cisão. Portanto, fica evidente que estamos em conflito com as existências não humanas, por estarmos, principalmente, em conflito e entre nós mesmos, humanos.

Nessa Pele trazemos uma reflexão sobre o processo, sobre o todo e, no corpo do trabalho, representamos com a trouxa de viagem enlaçando a cartografia que foi o processo.

> Da epiderme ao mundo, a latência individual é colocada em diferentes modos e escalas a fim de demonstrar a possibilidade de tecer a própria relação pessoal com a Terra, transformando-se numa nova perspectiva de vida, na qual a harmonia com a natureza prevalece e, através da liberdade, cada pessoa consegue explorar e trazer a criatividade para o entorno no qual vive. (DELAQUA, 2021)

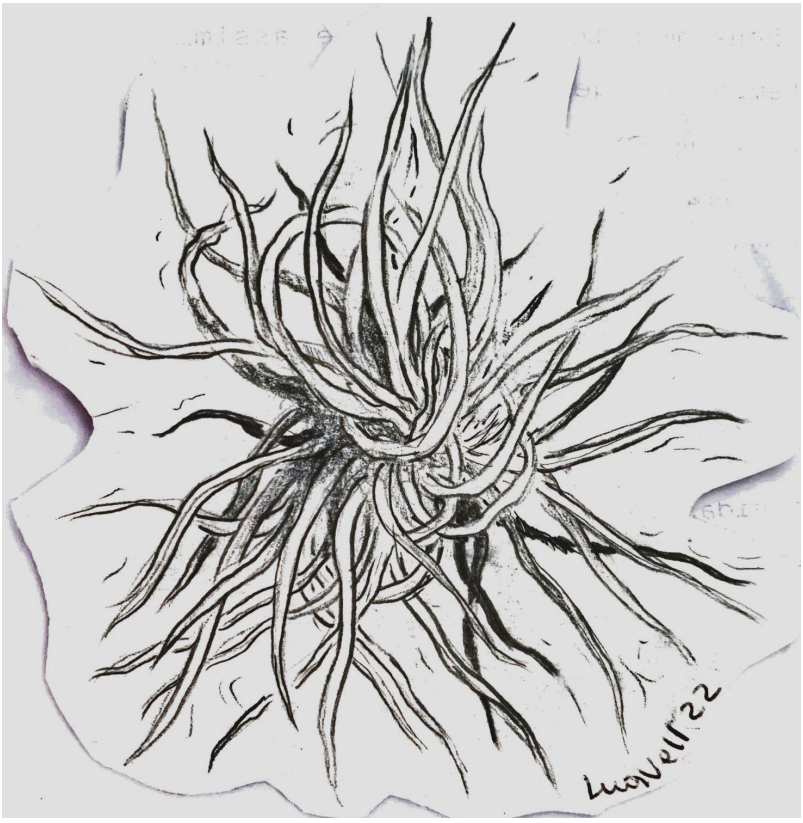
(cápsula 2

um mergulho

gota de suor que escorre e faz cócegas...
antes era assim, sutil.
meio que me deixava levar por esse escorrer, mas por ser assim, sutil, secava rápido e a sensação ia junto. passava.
dessa vez não.
dessa vez foi um banho de corpo inteiro.
quando já começava a me secar, para que assim como a gota que rapidamente se foi, não mais sentisse, não mais quisesse: cachoeira. rio. nascente.
em seguida mar, imensidão. profundeza.
e nesse momento tive a certeza: tinha que ser. ali, agora, naquele momento.
mergulhei.

04.08.2020)

um corpo estranho



(Luana Vellame, 2022)

PRECISO

PARAR

DE ME COMER

POR DENTRO!

No dia 22.06.2022 (ou pelo menos acredito que tenha sido esse o dia) tive um sonho angustiante que me rendeu um nó na garganta e aperto no peito ao acordar. Fiquei por algumas horas tentando digerir esse sonho (e continuo nessa tentativa até os dias de hoje).

A mensagem que chegou do inconsciente foi sobre uma doença, um corpo estranho, que estava me comendo por dentro. Ao adentrar em um laboratório de análise, ao qual fui convidada pela médica responsável pelo procedimento, e participar do processo de averiguação e diagnóstico, o corpo estranho que estava ali sendo exposto, invadido, examinado, se abriu em modo de defesa (mostrando seus dentes) fazendo um ruído de ataque. Fiquei assustada durante o sonho por não entender sobre o que se tratava, o que estava acontecendo comigo e como *aquilo* tinha ido parar ali, em minhas entranhas.

Acordei.

Aperto no peito, dificuldade em respirar.

Decidi ficar um pouco sozinha e sentir o que fosse preciso a respeito daquelas imagens.

Ao relembrar a feição do corpo estranho, entendi e senti que a reação de forma agressiva somente existiu por estar sendo reprimido, se sentindo atacado, mas que apenas desejava acolhimento.

Então um grito mental se deu: PRECISO PARAR DE ME COMER POR DENTRO!

Desde esse dia, entendi que o estranho, aquela parte de nós que, por algum motivo, destinamos às sombras e profundezas do esquecimento, não somem. Ficam ali apenas esperando uma oportunidade de emergir, nos tomando de assalto e forçando a lembrarmos de sua existência. Talvez o recalque, que Freud tanto fala, seja um pouco sobre esse processo.

Entendi, naquele dia, que o estranho merece conhecer o fora, existir, ser, pois ao deixar de ser refutado possui enorme capacidade de transmutar em potência (que sempre existiu, mas estava enjaulada).
Compartilho com este trabalho então, o meu corpo estranho, que não é sobre uma estética fora do padrão, necessariamente, e sim sobre a forma que o inconsciente deu conta de apresentá-lo.

A percepção desse corpo se dá de duas formas, na primeira, através do sonho em diálogo com as diversas experiências vividas e teorias acessadas, e, na segunda, pelo olhar e afetação dos diversos corpos que atravessaram as experiências aqui propostas e executadas. Importante dizer que esse corpo, em sonho, possui imagem muito semelhante ao vestuário construído acerca do corpo estranho colocado nas ruas.

Ao refletir sobre o Vestuário, segunda Pele da teoria de Hundertwasser, e a composição desse corpo estranho propositivo, surge a ideia de tensionar essa camada do trabalho. Entendemos o vestuário como uma manifestação individual que possui atravessamentos íntimos com a cultura e sociedade ao qual esse indivíduo pertence e decidimos compor esteticamente uma vestimenta que causasse um desvio dentro do que se é esperado.

A base para essa roupa já existia. Há cerca de 15 anos atrás, ao participar de uma gincana, me fantasiei de Kraken, o monstro das águas profundas e terror dos navegantes. Essa fantasia foi feita por uma costureira que nos acompanhou no processo de pensar alguns

personagens e algo nela, a fantasia, fez com que desejasse guardá-la, tendo ficado nas profundezas do esquecimento (e do meu armário) até o ano de 2022, quando tive o sonho narrado acima e notei a semelhança entre o corpo estranho que emergiu e o Kraken já performado.

Decidi então sacudir a poeira dessa fantasia e lhe adicionar elementos para que, unida à representação colocada pelo inconsciente, um vestuário se desse. A esse corpo foram agregadas camadas que fizeram parte de diversas andanças e viagens. Reflexões sobre cidades coletadas em cartões postais de cidades que visitei, registros fotográficos feitos com uma câmera analógica da década de 70 (repassada a mim pelo meu pai) de viagens e aulas de campo[15], imagens de artes urbanas errantes, poesias e vários outros elementos que compõem a bagagem desse corpo que erra, que é um erro, uma falha, um desvio e, também, um refugo urbano.

Essas camadas adicionadas ficam anexadas aos tentáculos e dentes desse corpo, a fim de capilarizar, agarrar, grudar, morder, afanar e afagar a quem encontrar.

Sempre existiu uma reflexão acerca de como me referir a essa composição e a noção de Vestuário que Hundertwasser coloca veio a calhar, mas ainda assim fica o questionamento: é um figurino, fantasia, roupa, vestuário, corpo...?

Após acessar a narrativa de Marina Cunha sobre a experiência na oficina LEU, durante o CORPOCIDADE 3, ao qual a cidade é

[15] Algumas das fotografias foram feitas em aulas de campo no bairro do Santo Antônio Além do Carmo (Salvador), da disciplina Arquitetura Popular, ministrada por Márcia Sant'Anna, Marielly Santana e Silvia d'Affonseca. Outras são registros de viagem feita a Madrid, Errenteria e Toledo (Espanha).

vestida a partir da escolha de manifestar em vestimenta acúmulos e experiências vividas na e com a cidade (CUNHA, 2014) me coloco a refletir um pouco mais sobre o questionamento levantado acima.

> Vestir a narrativa é então narrar com o corpo. E dessas reflexões que se faz enquanto se tricota, salta ao pensamento a verdade: o vaievem das agulhas, levadas por minhas mãos, está sob meu domínio e ao mesmo tempo é limitado pelo próprio instrumento. Tudo o que é tecido, o que se trança a cada laçada está além das palavras. É o corpo falando, levando a diante o que se inscreve sobre ele. A narrativa se concretiza então, assumindo-se o tempo todo corpográfica. (CUNHA, 2014, p. 103 e 105)

Ouso dizer que essa fantasia/figurinho/roupa/vestuário/corpo é isso tudo e nada disso. É errante e metamorfoseante, e por assim ser, talvez não tenha uma definição fechada, pois quando a gente veste a cidade, ela deixa de ser somente cenário e passa a ser uma ação, não é mesmo? Assim como um figurino deixa de ser "apenas" um figurino.

Aqui vestimos a fantasia de um monstro das profundezas marítimas assim como o sonhado de um estranho aterrorizante das entranhas do subconsciente e as muitas cidades inscritas em meu corpo em pensamento consonante com um corpo coletivo.

experiência urbana + filosofia

Ao pensar sobre experiência urbana é necessário ter consciência de que na sociedade do desempenho (HAN, 2015), na cidade-espetáculo (DEBORD apud JACQUES, 2014) e na cidade contemporânea, com tempos extremamente acelerados, a experiência se encontra fragilizada, logo a capacidade de fruição da experiência urbana de fato incorporada, sentida e propositiva, se encontra dissociada. Importante salientar que, apesar do que foi colocado acima, a cidade é composta em suma, pelos que escapam.

> **São sobretudo os habitantes das zonas opacas da cidade, dos "espaços do aproximativo e da criatividade", como dizia Milton Santos, das zonas escondidas, ocultadas, apagadas, que se opõem às zonas luminosas, espetaculares, gentrificadas. Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado. (JACQUES, 2014, p. 23)**

São esses habitantes que, com suas "táticas de resistência" e "astúcias sutis e criativas", "se apropriam do espaço urbano e assim ocupam o espaço público de forma anônima e dissensual" (JACQUES, 2014).

Com a errância em mente, sendo os errantes "aqueles que realizam errâncias urbanas" (JACQUES, 2014), se afirmando enquanto um tipo de experiência urbana ao qual institui uma "crítica, resistência

ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência" (JACQUES, 2014), nos colocamos de maneira errática pela cidade com intenção de trazer algum tipo de afetação ao ambiente e ao corpo que o experiencia, instaurando uma nova experiência, um novo espaço e possibilidades de afetação.

> A partir de uma constatação da atual espetacularização das cidades contemporâneas procuro investigar o que considerei como um tipo de micro-resistência a esse processo: a própria experiência urbana e, em particular, a experiência corporal da cidade. (JACQUES, 2008)

> A experiência de **errar** pela cidade pode ser pensada como ferramenta de apreensão da cidade, mas também como ação urbana, ao possibilitar a criação de microresistências que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível, nas palavras de Jacques Rancière (2000). (JACQUES, 2014, p. 30 e 31 - grifo nosso)

Paola diz que "as errâncias são um tipo de **experiência não planejada**, desviatória dos espaços urbanos, são usos conflituosos e dissensuais que contrariam ou profanam, como diz o próprio Agamben, os usos que foram planejados." (JACQUES, 2014 - grifo nosso). Apesar de termos um estudo direcionado sobre o que buscamos enquanto afetação dos corpos e espaços (a estranheza),

propomos as experiências de forma aberta ao que pudesse surgir em reação e relação ao que foi colocado.
Em sequência, a autora coloca que

> Alguns artistas errantes de hoje ainda continuam seguindo de forma explícita as pistas deixadas pelos errantes aqui citados, outros acreditam na possibilidade de uma errância virtual e, outros, por mais inapropriado que isto nos pareça, realizam errâncias performáticas já espetacularizadas, muitas vezes por puro modismo. Ainda não conseguimos detectar claramente, nos casos mais recentes, a mesma potência crítica de engendramento do corpo na cidade e da experiência da alteridade aqui valorizados [...]. (JACQUES, 2014, p. 43 e 44)

Trazemos esse trecho ao entendermos que o que propomos pode ser lido enquanto uma errância performática espetacularizada a partir do momento em que se é pensada uma *persona* com uma intenção e, principalmente, pela existência de um vestuário específico para esse corpo estranho proposto. O risco e o erro, como já dito, são abraçados nesse experimento, que é proposto por uma graduanda (em arquitetura e urbanismo) não dançarina, atriz ou praticante de artes performáticas, que busca ferramentas e saberes para incorporar em sua formação e atuação profissional outras formas de olhar, pensar e se implicar com as cidades. A ação de preparar o corpo, refletir e tensionar a espetacularização das cidades e como

isso afeta nossa subjetividade e modos de vida, nos leva a entender que nos colocamos de forma crítica ao que está posto enquanto hegemonia, não se tratando de um processo performático espetacularizado.

Entendemos essa proposição enquanto uma experiência urbana errante (se relacionando com o erro), que tem como intuito movimentar, em alguma instância, os corpos e espaços aos quais nos inserimos. Acreditamos que em um Trabalho Final de Graduação caibam experimentações de modos de fazer, justamente para ir, com o tempo, aprimorando, aprofundando e caminhando com mais inteireza.

Enquanto complementação desse argumento, trazemos o fragmento do livro "Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa", onde Renata Lima Aspis discorre que,

> Lancei-me ao problema de encontrar formas de fazer filosofia com o corpo, na rua, diante da cidade. Uma filosofia com os outros, por meio dos outros, diante dos outros, e que pretende atravessar os outros, afetá-los. Nos agarramos ao grande desafio de inventar ações para serem realizadas na rua, e que pudessem movimentar o pensamento dos passantes. Ações tais - gestos filosóficos -, que conseguissem alçar os transeuntes do torpor do cotidiano acelerado, da vida apressada na qual não se tem condições de pensar sobre si mesmo, e que proporcionassem fagulhas de pensar signos que incitasse à decifração: dar o que pensar.

> **Essas ações, que chamamos de *extervenções*, não podem ser entendidas na categoria *performance*, porque não são, na sua origem, movimentos estéticos, mas movimentos éticos[16], e, portanto, filosóficos. (ASPIS, 2021, p. 19 e 20)**

É isso que também, dentre outras coisas, buscamos.

["Como mexer o corpo de modo a enxamear signos que possam disparar o pensamento? Como mover o pensamento por meio do corpo? Essa é a filosofia que se busca, feita no corpo. Uma nova disciplina no pensamento que surja e se constitua no corpo. É a filosofia incorporada" (ASPIS, 2021, p. 21 e 22)]

> **O pensamento[17] é uma forma de criação, a partir de problemas. A filosofia é um modo de pensamento, assim como a arte e a ciência. (ASPIS, 2021, p.22 - grifo nosso)**

---

[16] A ética é trazida no livro de Renata enquanto "um modo no pensamento que busca produzir avaliações que impulsionem ações e acompanhem decisões. É um pensamento que trata da ação no mundo, a ação em relação aos outros, pensamentos reflexivo, analítico, relacional, radical, crítico e criativo. Trata-se da verificação de si mesmo em relação aos outros, na busca de saber o que é o certo e o que é o justo nas ações de um em relação a si mesmo e aos outros, em relação àquilo que chamamos mundo." (ASPIS, 2021, p. 18)

[17] Aspis também nos diz que o pensamento, junto com Gilles Deleuze, "[...] não é tudo o que se passa na cabeça, não é o senso comum, zum-zum-zum interno, opiniões, notícias, jargões, propagandas; nada disso é pensamento." (ASPIS, 2021, p. 22)

Não temos uma relação íntima e aprofundada com a Filosofia, porém a forma como a mesma é apresentada por Aspis nos soa condizente com o que galgamos. Entendemos, dessa forma, a filosofia enquanto ato político que se funde com a noção de ética apresentada pela autora e interligamos esse modo de pensar com o Urbanismo ao refletir não somente sobre uma "filosofia incorporada", como a autora propõe, mas também, em um urbanismo incorporado.

Defendemos então, que a experiência urbana no espaço público em diálogo com diversos saberes, tendo a intencionalidade enquanto característica, possui caráter propositivo/projetual ao reconhecermos a coimplicação entre o corpo e a cidade, nos levando ao entendimento de que,

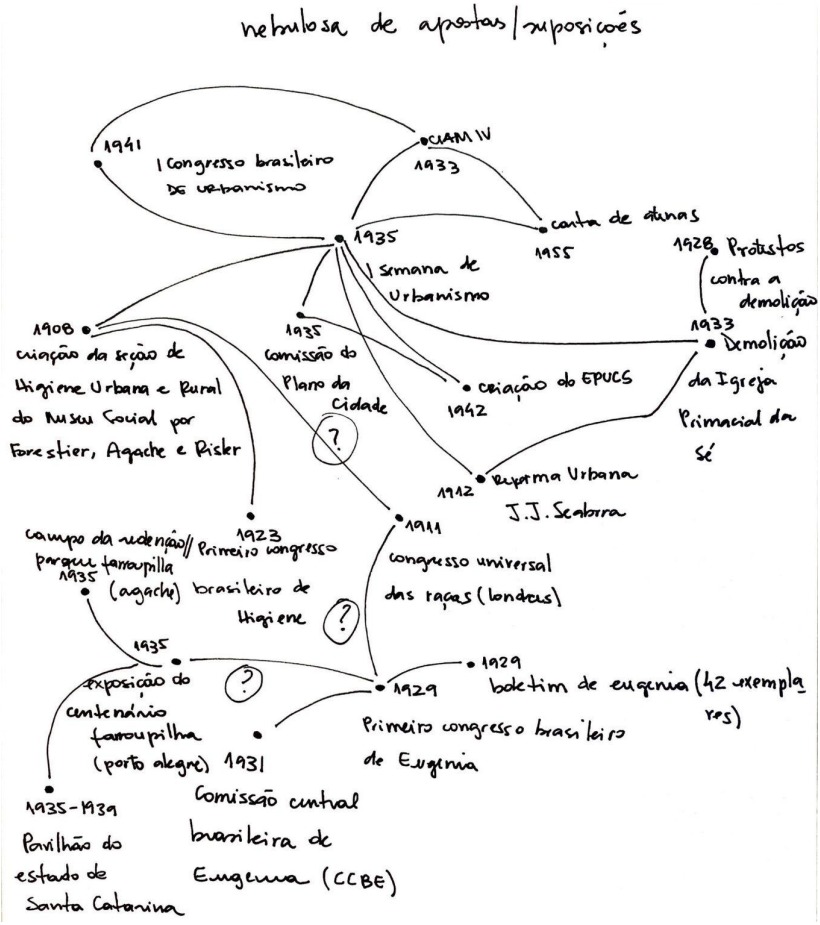
> Para entender a cidade como um ambiente urbano, precisamos nos afastar da ideia de cidade como sendo um lugar em que o corpo se insere e passar a compreendê-la como um campo de processos em que o corpo está coimplicado.
> Os modos de existência dos corpos e das cidades formulam-se reciprocamente, visto que suas lógicas particulares de organização tanto resultam quanto constituem os princípios de suas interações, cujas resultantes são expressadas nas configurações individuais de corporalidade e nas configurações de ambiente

> urbano que os corpos e as cidades adquirem neste processo de constituição da vida pública. Diferente de algum tipo de *determinismo*, essa reciprocidade entre as consequências das ações do corpo e da cidade institui sua *coimplicação*. (BRITTO, 2013, p. 37)

A "Corpografia Urbana", noção desenvolvida por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques desde 2008, nos convida a "reconhecer o aspecto processual das relações corpo/cidade" para que entendamos e reconheçamos "a natureza de coafetação própria a qualquer interação". Portanto, "a noção de ambiente urbano ganha um sentido mais temporal do que espacial", destacando a transitoriedade de suas configurações que correspondem "a um estado constante de conflito entre forças contraditórias ativadas pelos processos interativos do corpo na cidade." (BRITTO, 2013).
Utilizamos essa noção para compreendermos a relação intrínseca entre corpo e cidade. A "errância" (JACQUES, 2014) surge enquanto modo de pensar e propor experiências urbanas incorporadas defendendo sua possibilidade projetual.

Ao pensar neste trabalho se faz necessário explicar as motivações e percursos de pesquisa para chegar até aqui. Estudando sobre temas já explanados anteriormente e uma historiografia do urbanismo, fica evidente que as noções de corpo e cidade são indissociáveis, como já dito, tanto a partir de um olhar político, quanto quando se pensa na experiência urbana.

Nos deslocando para uma temporalidade em que a consolidação formal do campo do Urbanismo se deu no Brasil, é possível "nebular"[18] em cima da cronologia (entendida enquanto linear e evolutiva, teleológica) imposta à historiografia do urbanismo.



[18] Referente ao processo de elaborar uma Nebulosa da pesquisa, que vai de encontro a visão linear de cronologia, trazendo o termo à uma posição de disputa.

As cidades brasileiras passaram por inúmeras reformas urbanas, dentre elas destaco o que a história oficial chama por Reforma Pereira Passos (1902-1906) no Rio de Janeiro (estado e capital) onde ocorreu uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio da arquitetura (e urbanismo, mas na época era usada a expressão 'embelezamento' urbano), ideais e costumes. Com o Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo (1941) ocorrido no Rio de Janeiro, até então capital do país, noções de corpo surgem enquanto pauta de reflexão e discussão com as teses "Higiene mental e suas relações com o urbanismo", por Plínio Olinto, "O urbanismo e a creança (sic.)", por Raquel Prado e "Sexualidade e o urbanismo", por José de Albuquerque, que nos dão algumas pistas sobre como o corpo era visto, narrado e inserido no espaço urbano.

O corpo diretamente associado a um olhar moralizador, higienista e racista se faz presente e fica evidente, mais uma vez, sua relação direta com a forma de pensar, fazer e narrar cidades.

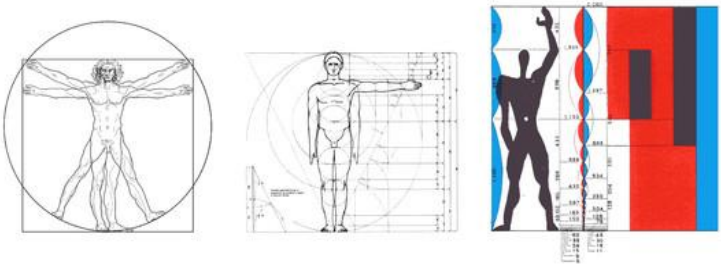
A partir das pesquisas desses dois recortes temporais citados e de análises da historiografia, fica perceptível que em qualquer temporalidade estudada o planejamento urbano e a sociedade estarão em espelhamento.

Então seria coerente dizer que a cidade que construímos, sonhamos, prospectamos, nos constitui enquanto sociedade, como Britto (2013) nos convida a refletir? Existe a possibilidade de pensarmos em uma sociedade - e cidades, por consequência - mais plural e para todas as pessoas, tendo em vista que a grande maioria dos atores que detiveram e detém o poder de orquestrar o planejamento urbano a partir das políticas públicas fazem parte de um grupo minoritário (homens, brancos, cis, héteros, etc.) que

deveriam pensar em táticas urbanas para a maioria da população (que são colocadas enquanto grupo minorizado na sociedade) e em todas as produções de subjetividade que irão se desdobrar desse movimento?

> É assim, nessas circunstâncias, que adquire ainda maior relevância a valorização da alteridade urbana, do Outro urbano que resiste à pacificação e desafia a construção desses pseudoconsensos publicitários. São esses vários outros que, por sua simples presença e prática cotidiana, explicitam conflitos e provocam dissensos. (JACQUES, 2014, p. 23)

Como valorizar a alteridade urbana se recebemos informações diretas e indiretas a todo momento de que o corpo padrão, normatizado, que é o aceitável, lhe sendo concedida a permissão de ser? Como pensar espaços para uma diversidade de corporalidades se dento das faculdades de arquitetura ainda temos referências bibliográficas com noções de corpo defasadas e segregadoras, como vemos em Neufert e o Modulor (Le Corbusier)?



(Na ordem: "O Homem Vitruviano" (Da Vinci), a escala humana de Neufert e de Le Corbusier em "O Modulor")

> **Mesmo com críticas já elaboradas e tecidas a essa forma canônica de compreensão de corpo bidimensional, estático, universalizante e antropo-falo-ego-logocêntrico[19] estas ferramentas práticas de projeto não se tornaram, de todo, obsoletas. Assim, esse conhecimento do corpo baseado na noção do homem comum ideal, ou do homem moderno, reiterado em meio ao século XX para responder a questões de padronização, industrialização, serialização dos meios de produção na escala arquitetônica e da cidade ainda são presentes não só como memória viva, mas atuantes como importantes referências no ato de projetar. (PASSARO, 2021, p. 52 e 53)**

Nossa tática de sublevação é a de observar os refugos, cutucar o incômodo a fim de trazer à tona potencialidades anestesiadas nas existências e espaços, pois entendemos que o micro e o macro de dentro e de fora estão em constante troca. Dessa maneira, buscamos formas outras de olhar, pensar e fruir com as cidades.

Aqui, o estranho é nosso aliado.

---

[19] "Qualifico de 'antropo-falo-ego-logocêntrica' essa política reativa de produção de pensamento, regida pelo inconsciente colonial-capitalístico. Diante de seu poder, que se alastra cada vez mais, não basta problematizar os conceitos que tal política produziu e continua produzindo; há que problematizar o próprio princípio que a rege. Tal desafio implica em reativarmos o saber-do-vivo no exercício do pensamento, de modo a liberá-lo de seu encarceramento nesse seco logocentrismo e seus falsos problemas. " (ROLNIK, 2018, p. 19)

referências bibliográficas / audiovisuais / sonoras

ASPIS, Renata Lima. Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa. 2. ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

BRITTO, Fabiana Dultra. A ideia de corpografia urbana como pista de análise. RE[DOBRA], Salvador, n. 12, dez. 2013.

CAMILAS; JALMY. Palco de Guerra [2016]. Disponível em: https://youtu.be/jtfyV3gxnY4. Acesso em: 30 jun. 2023.

CARVALHO, Flavio de. Experiência n.2: realizada sobre uma procissão de Corpus-Christi: uma possível teoria e uma experiência. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

CONSTANTI, Andressa Pinheiro; PALAZZO, Paulo de Almeida. PATRIMONIALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES MODERNAS EM CONJUNTOS HISTÓRICOS: a Ladeira da Misericórdia de Lina Bo Bardi em Salvador. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, XVIII, 2019, Natal. Anais... Natal: EDUFRN, 2019.

CUNHA, Marina Carmello. A cidade mora em mim – narrativa da oficina LEU. RE[DOBRA], Salvador, n. 10, 2012.

DE BIASE, Alessia. Insistência Urbana ou como ir ao encontro dos "imponderáveis da vida autêntica". RE[DOBRA], Salvador, n. 12, 2013.

DELAQUA, Victor. < https://www.archdaily.com.br/br/959286/o-corpo-para-alem-de-si-e-da-arquitetura-as-cinco-peles-de-hundertwasser > Data de acesso: 7 março 2022.

EUGENIO, F.; FIADEIRO, J. O encontro é uma ferida. Excerto da conferência-performance Secalharidade de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, jun. 2012. Não paginado.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: ZAZEN PRODUÇÕES, 2006. (115 min), DVD, son., cor e pb.

FREUD, Sigmund. O infamiliar e outros escritos / Sigmund Freud; seguido de O homem da areia / E. T. A. Hoffmann; tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O homem da areia; tradução Romero Freitas]. – 1. ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Governo do Estado da Bahia. Decreto Nº 23.666, de 04 de setembro de 1973. Consultado em 20 de junho de 2023

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo, 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes – 2. ed. – Salvador: EDUFBA, 2014.

_____, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. RE[DOBRA], Salvador, n. 1, vol. 4, 2008.

MARTINS, Leda. "Performance do tempo espiralar". In: RAVETTI, G. e ARBEX, M. (orgs.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: FALE-Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MASCARENHAS, Andressa Macedo. CORPO-RAIO: metodologias de criação de espaço através do audiovisual. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) FAUFBA, Salvador, 2019.

LOWEN, Alexander. O CORPO TRAÍDO. 5. ed. São Paulo : Summus 1979.

PATZDORF, Danilo. Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados. Mover - práticas coreográficas de escrita (SESC Pinheiros), São Paulo, 2021.

PASSARO, Clara. Três Giras Por Uma Descanonização de Modelos Ocidentais Modernos de Corpo na Arquitetura (na Dobra com a Dança): NEUFERT*, MODULOR e LABAN. Orientadora: Paola Berenstein Jacques. 210 f. il. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, 2021.

PEREIRA, Margareth da Silva. Fala proferida durante discussão nas Jornadas Experimentais 2 cujo tema da mesa foi "utopias e distopias urbanas", FAUFBA, 2022.

Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo. 1. 1941. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: O Globo, 1948. 455p.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo – 2 ed. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

_____, Suely. Esferas da insurreição – 2 ed. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

SERPA, Angelo. Os Espaços Públicos da Salvador Contemporânea. In: CARVALHO, I. M. M.; PEREIRA, G. C. (org.). Como Anda Salvador. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 173-188.

SuperOutro. Direção de Edgard Navarro. Produção de Edgard Navarro. Salvador: Lúmina Cinematográfica, 1989. (46 min), DVD, son., cor e pb.

TEIXEIRA, Marina Coêlho. AO (DES)AFETO DO PÚBLICO: a perda de áreas públicas de Salvador pelo instrumento da desafetação (1979-2012). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) FAUFBA, Salvador, 2014.

TRINDADE, Maria Luiza Rabelo Dias. Avaliação pós ocupação do parque Jardim dos Namorados: (Salvador-Bahia). Dissertação

(Mestrado em Engenharia Civil) Escola Politécnica - UFBA, Salvador, 2007.

tentáculo

20

[20] Imagem de acervo pessoal, tirada por Luciana Souza , com edição feita por júlia domínguez.

preparação de corpo

Entrelaçada pelo isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, escrevi o projeto "Corpo-arquivo: como me habito?", sendo aprovado no edital PIBExA 2021 pertencente ao Programa Institucional de Experimentação Artística, propiciado pela PROEXT (Pró Reitoria de Extensão Universitária) da UFBA, ao qual buscou indagar sobre o que deseja um corpo confinado (dentro do contexto pandêmico), o que pode e quais são suas limitações, perpassando pelo corpo esgotado, corpo sedentário, o corpo carente e pelo corpo distraído (PATZDORF, 2021)[21]. Cada corpo é afetado e atravessado de forma única, por mais que tenhamos processos de subjetivação coletivos, porém muitas vezes possuímos poros fechados, enrijecidos, que dificultam uma auto percepção enquanto indivíduos pertencentes a um todo. O projeto buscou aprofundar essa reflexão e proporcionar momentos de afetação, de abertura de poros, nos colocando enquanto uma rede, emaranhado, onde o micro e o macro dialogam a todo o tempo.

Nesse processo foram coletadas imagens de discurso, sendo elas textos, vídeos, fotografias e sons da minha rotina pandêmica, e ao fim, foi feita uma montagem em vídeo-poesia[22] a partir desses fragmentos coletados no percurso. Foram realizadas experimentações imersivas com intencionalidade de tecer relações

[21] Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/729ef987/ec48/4f43/88eb/dd0068addd6b.pdf (sescsp.org.br)

[22] Segue o link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=rluVY4tUghU&t=4s

com os diversos corpos (cerebrais ou não) que me circundavam, e que, por consequência, me afetavam, construindo coletivamente, com essas diversas existências, a colcha de retalhos que sou/somos. Fragmentária e inteira, sempre em constante metamorfose, assim como tudo.

> O corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória. (MARTINS, 2002)

A intenção foi de construir um caminho-narrativa, um entendimento de desejos e demandas desse corpo, sempre refletindo sobre ~como~ me habito, ~o que~ me habita e ~se~ me habito e sobre a relação com um possível corpo casa, mas também com a casa enquanto espaço construído, como ambiente que me circundava, para semear campo fértil na concepção dessas imagens.

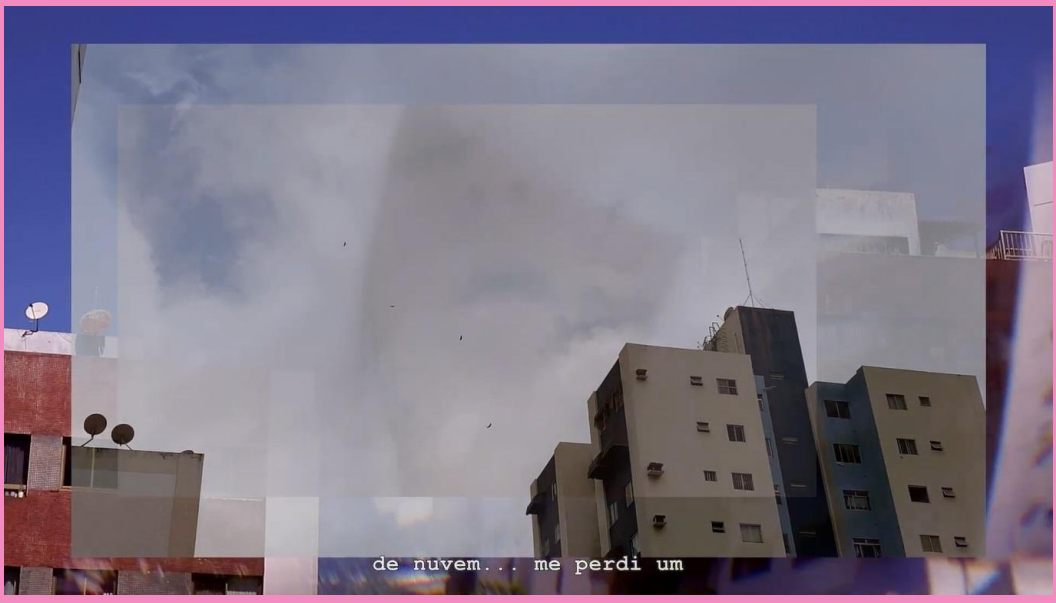
> A pessoa experiencia a realidade do mundo somente por meio do seu corpo. [...] É o corpo que se funde em amor, que se arrepia de medo, que treme de raiva, que procura calor e contato. À parte do corpo, estas palavras não passam de imagens poéticas. Experienciadas no corpo, elas ganham a realidade que dá sentido à existência. Baseada na realidade do sentimento corporal, a identidade possui substância e estrutura. Abstraída dessa

> realidade, a identidade torna-se somente um artefato social, um esqueleto sem carne. (LOWEN, 1979)

A todo o tempo somos convidados de forma simbólica e literal a fechar nossos poros, a não nos deixarmos afetar e por consequência sentir, experienciar a vida de forma o mais consciente possível. Desse modo, nosso corpo se converte a ser apenas uma força de trabalho, de produtividade e principalmente de desempenho, como explana Byung-Chul Han (2015), e em um contexto pandêmico onde praticamente todas as existências chegaram a seu limite e sendo demandadas a se manterem com o desempenho de sempre (e em alguns casos tendo as exigências acentuadas), os corpos se fecham, enrijecem, se tornam corpos anestesiados de si e consequentemente, da possibilidade de troca. Estranhos a si mesmos, todo o processo de subjugação e exploração estrutural é facilitado, se tornando um ciclo sem fim.

Por isso o questionamento "eu me habito?" se faz necessário. Colocar em questão se de fato me pertenço, me percebo, me sinto, me relaciono comigo mesma, abre espaço pra perceber algo que talvez devesse ser óbvio, basal, mas que não é tanto assim, quebrando aos poucos a lógica sistêmica desse ciclo sem fim já citado.

Processos.


de nuvem... me perdi um

[Nós de fato nos habitamos? O que é habitar a si mesmo? Como isso acontece? O que ocorre pra que isso aconteça? O que é habitar? Pode um corpo se habitar?]

Questionamentos que me fiz a todo momento do processo para que os poros abrissem e pudesse sentir o que o corpo teria a dizer.
Foram investigadas a polifonia, polimorfia e policromia desse corpo, tendo o resultado apresentado enquanto Intervenção Artística no Congresso Virtual UFBA 75 anos.
Esse projeto foi de extrema importância para cutucar e movimentar o corpo e, assim, iniciar o processo de preparação para o retorno às ruas, ao diálogo e troca com os muitos outros[23]. Pudemos trabalhar de maneira mais direcionada nesse momento as dimensões de duas das cinco Peles[24] de Hundertwasser: a epiderme e a casa. Porém mantendo sempre diálogo com as demais Peles (vestuário, identidade social e mundo).

No ano seguinte, submeto ao mesmo edital o projeto "Corpo-desvio: quais cidades-refugo me habitam?", ao qual, após conversas com a tutora desse projeto e deste trabalho final, Paola Berenstein Jacques, ficou nítida a necessidade de mudanças. O projeto aprovado pelo PIBExA 2022 iria ser, *a priori*, uma camada deste Trabalho Final de Graduação, mas após as mudanças ocorridas passa a ser o trabalho em si, com seu título sendo alterado. Com a vacina finalmente disponibilizada e exponencial

---

[23] Referência a Ana Clara Torres, que nos coloca a refletir nesse Outro enquanto diverso, múltiplo, plural.
[24] Iremos destrinchar essa noção mais a frente.

diminuição de mortes causadas pelo CoronaVírus, a possibilidade de colocar o corpo na rua novamente se faz.
Foi um enorme desafio, após a marca que a pandemia deixou, sair do casulo, de casa, e colocar o corpo na rua de maneira propositiva. Mas esse trabalho é, também, sobre acessar zonas de desconforto, olhar para elas, encará-las, e seguir como for possível.

CORPOEXPERIÊNCIA // a estranheza na cidade enquanto possibilitadora da criação de espaços outros.

A preparação de corpo da forma como foi feita e será apresentada a seguir não havia sido prevista, trazendo a necessidade de alargar o tempo de feitura do trabalho, buscando uma postura mais responsável e amadurecida da proposição. Esse desvio, que agora é apresentado como uma forma de fazer, foi de extrema importância para o processo, submergindo muitos insumos. Para tal, contei com a parceria de Luciana Souza[25], que possui formação em filosofia,

[25] Luciana Souza é licenciada em Filosofia pela UCSal, Dançarina Profissional e licenciada em Dança pela UFBa, Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB. Atriz, dançarina, apresentadora e professora, nascida em Salvador-Ba. Participou de vários grupos teatrais com destaque para o Bando de Teatro Olodum, tendo projeção no cenário nacional, com o espetáculo "Ó Paí, Ó", 1994-2020, adaptado para filme, em 2007 e seriados de TV, em 2008/9. Prêmios de melhor atriz no Festival de Cinema de Gramado; Mix Brasil de Cultura e Diversidade, S.P.- 2020; 8° Festival de Cinema de Caruaru-PE; DIGO - Festival Internacional de Cinema e Diversidade Sexual e de Gênero - GO; IV Festival de Cinema do Vale de Jaguaribe-CE; 44ª Festival de cinema Guarnicê, MA e Curta Caicó- RN em 2021, pelo filme "Inabitável". Integra a Direção Artística da EnCompanhia de Interesse Popular, grupo de arte, educação e cultura. É pesquisadora do CPEDR -

dança e teatro, contribuindo no processo com esses e outros diversos saberes, se coloca de forma conjunta ao desenharmos um corpoexperiência.

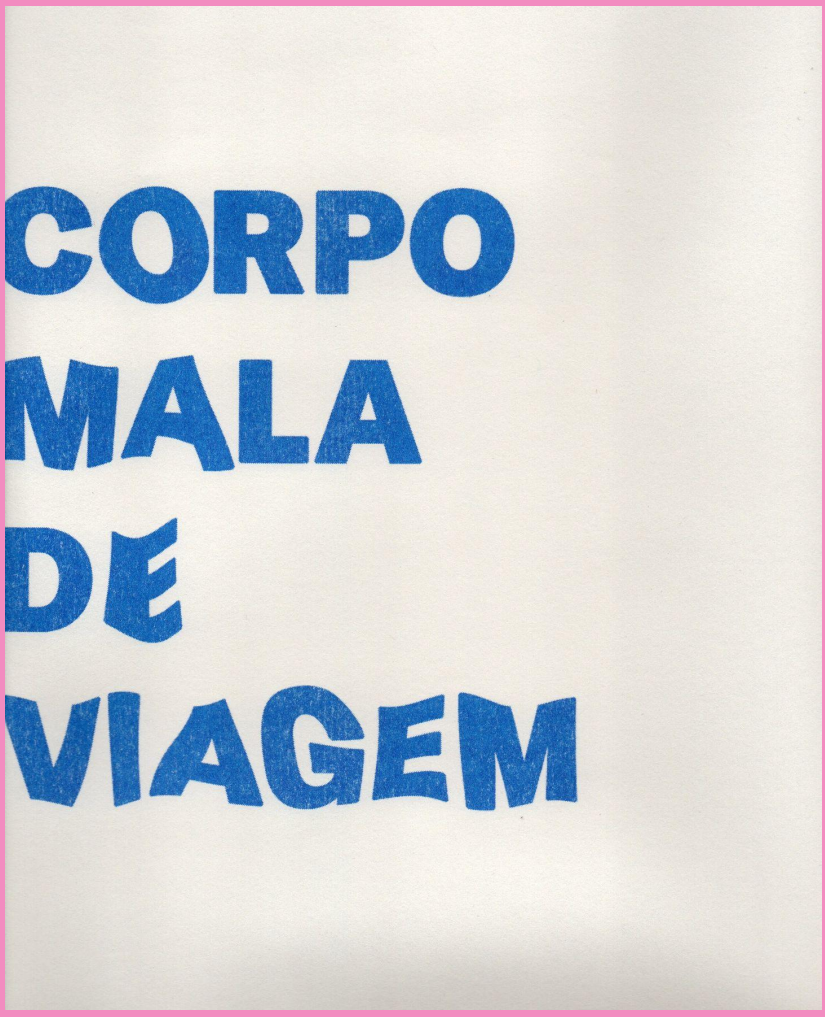
Apresentar o modo de fazer que utilizamos enquanto possibilidade metodológica me é inquietante, então a forma como irei narrar esse processo se pretende fluida, com uma cronologia não linear (fazendo jus a como o processo se deu), mas, ao mesmo passo, explanatória do que utilizamos enquanto ferramenta em cada encontro para que cada pessoa perceba o que faz mais sentido de ser absorvido.

Contamos nesse momento do processo com os seguintes encontros (em cronologia linear para maior entendimento):

- **prelúdio;**
- **um encontro no parque;**
- **capoeira angola;**
- **yoga;**
- **danças populares;**
- **o improviso do contato;**
- **"é como andar de bicicleta";**
- **experiências em espaço público.**

Convido você a adentrar nesse processo e desfrutar da viagem.

Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional e Sankofa, ambos pela UNEB.



(Jupiter91, 2023)

preparação de corpo: prelúdio 14.07.2022

No dia 14 de julho de 2022 ocorreu o primeiro encontro (virtual) com Luciana Souza, onde expliquei o projeto (submetido ao PIBExA 2022) e ela aceitou me acompanhar nessa jornada.

Assim que a chamada de vídeo iniciou, agradeci imensamente por Luciana ter concordado em me ouvir e falei sobre o nervosismo que estava sentindo. Sempre muito acolhedora, Luciana sorriu e agradeceu novamente por ter pensado nela, pedindo em seguida que falasse sobre o projeto.

Expliquei minhas referências, o que planejava fazer e o que havia precisado mudar e que por isso estava focada, naquele momento, na preparação de corpo.

Com uma escuta muito presente e atenta, me fez alguns questionamentos sobre a localização[26] da experiência que estava propondo até aquele momento. Me lembrei do questionamento similar que Paola me fez na primeira conversa que tivemos sobre o trabalho e me pus novamente a refletir. Ao final, Luciana fez uma sequência de perguntas e pediu que eu as sentisse e pensasse com calma, que não necessariamente precisaria respondê-las.

As perguntas foram:

- **O que você deseja imprimir no espaço?**

[26] Inicialmente o trabalho seria desenvolvido na Praça do Loteamento Aquarius, localizada na Pituba. Entendi que essa havia sido a escolha mais confortável, por já ter estudado aquele espaço e me ser familiar, mas com o passar do tempo entendi que o trabalho seria justamente sobre desconfortos e o Infamiliar, mudando assim, a rota.

- **Por que esse espaço/praça? Como seria pensar a possibilidade de fazer em outro(s) local(is)?**
- **Qual o seu desejo?**
- **Por que escolheu fazer esse curso, essa graduação?**

Perguntas aparentemente tão simples, mas que me causaram um "rebuliço". Me senti despreparada.
E estava.
Afinal a proposta era justamente essa: preparar esse corpo.

E assim, seguimos.

preparação de corpo: experiências em espaço público

Decidimos ocupar os espaços que já havíamos feito trabalho de corpo anteriormente por entender que existia uma troca com aqueles ambientes. Largo do Pelourinho, Parque de Pituaçu e Parque Jardim dos Namorados.
Antes de cada experiência sempre combinamos qual seria a proposta, quais materiais iria levar e como seria a interação do corpoexperiência com o espaço e os outros corpos.
Experiências na rua sempre vão estar suscetíveis a interferências de toda ordem e é preciso estar preparado e receptivo para tal.

Na experiência do Largo do Pelourinho, por ser a primeira, teria enquanto proposta perceber as afetações de forma mais atenta. Nunca havia realizado nada parecido e não sabia como seria essa dinâmica. Abrir mão do controle foi muito difícil, mas ao mesmo tempo trouxe um aprendizado imenso.
Para além de um estado de presença bem ativado, a proposta também foi norteada pela composição *in loco* de um corpo estranho a partir do vestuário.

No Parque de Pituaçu fomos em outra direção, mas ainda fazendo esse jogo com o corpo somado a elementos que o tornasse não usual ao ocupar um espaço público, coletivo. A camada que decidimos adicionar nesse dia foi a argila. Dentro da mala havia um galão de água, argila em pó, uma bacia para o preparo e uma canga. A proposta foi a de preparar essa argila, tentando ocupar e desenhar no espaço durante essa preparação e, em seguida, passá-la pelo corpo com calma e atenção. Sentir as diferentes texturas da pele que foram se transformando junto com o endurecer da argila e praticar movimentos que se relacionassem com a sensação.

Na primeira experiência do Parque Jardim dos Namorados, a proposta foi unir as anteriores e trazer um outro corpo estranho para o espaço. Utilizamos o vestuário pensado para o corpo estranho com adições de outros elementos sendo colocados no corpo de forma aleatória e o uso da argila nos pés, mãos e rosto. Com esse corpo composto, a ideia era incorporar os elementos e se relacionar com eles e o ambiente de maneira espontânea.

A segunda experiência no Parque teve como intuito mesclar a insistência com a experiência. Decidimos trazer uma prática doméstica, privada, a de costurar elementos no vestuário do corpo estranho, para o espaço coletivo, público, a fim de tensionar um pouco o uso ao qual aquele espaço foi planejado[27] e usado.
Na terceira experiência proposta ao Jardim dos Namorados decidimos emaranhar as propostas anteriores, tendo um primeiro momento de chegada e permanência em que o uso era tensionado e de vestir o corpo estranho propositivo e trocar com o espaço de maneira mais ativa.

[Durante diversas práticas na rua no processo desta pesquisa foi percebida uma reação de estranhamento com relação ao que estava sendo feito, mesmo quando não se tratava de maneira direta de algo que fugisse ao corriqueiro, como no alongamento corporal realizado no Parque de Pituaçu. Isso nos faz imaginar o que as pessoas que se esbarraram conosco nos mais diversos momentos pensaram, sentiram. O que lhes causou espanto, desconforto, curiosidade? Temos como antecipar tais reações? No que isso impacta a fruição dos espaços que ocuparem?]

[27] O Parque Jardim dos Namorados é um ambiente com diversas áreas destinadas a esportes individuais e coletivos. Conta também com um anfiteatro a céu aberto que é utilizado enquanto pista de skate e patins, subvertendo o uso ao qual foi planejado, mas mantendo a lógica instaurada de maneira dominante da prática de esportes.

experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados

06.09.2022

URROS

Esse dia minha companhia foi Luciana. Marcamos nosso encontro às 15h30, para que desse tempo de conversar um pouco, fazer os alongamentos, iniciar a experiência por volta das 16h/16h30 e finalizar com o dia ainda com luz do sol. Cheguei um pouco antes por conta do nervosismo que me coloca em modo acelerado. Sentei em um dos bancos do espaço e fiquei olhando uma das corujas que mora ali na região e que pousou em uma árvore ao meu lado. Fiquei um tempo assobiando pra ela e respirando para acalmar os ânimos. Logo em seguida Luciana chegou. Mostrei a coruja e contei que haviam outras e como era sempre um presente encontrá-las ali. Conversamos um pouco mais sobre a experiência do Parque de Pituaçu e Luciana me deu dicas de como tentar soltar um pouco mais o corpo e trocar com quem estivesse no espaço.

Abrir o peito, olhar pra cima e não pro chão.

Esse foi um dos grandes ensinamentos desse processo. Praticar a abertura e expansão. Reduzir a contração e movimento de apequenamento através de uma linguagem corporal encolhida.

Iniciamos então os alongamentos e nesse momento vi ao longe uma pessoa conhecida sentada em um dos bancos do Parque conversando com uma amiga. Fiquei nervosa e me senti mais exposta ao estar diante de um rosto familiar. É uma sensação de exposição diferente essa e foi bom tê-la experimentado. Fiquei me indagando o que aquela pessoa iria pensar de mim e sobre o que cargas d'água estava fazendo. Percebi esse desvio do pensamento e da presença e voltei o foco para o que estava fazendo. Alongamentos finalizados, Luciana me lembrou da canção que havia me ensinado para pedir licença à rua e me colocar de maneira

respeitosa nesse espaço. Cantarolando lhe dei um abraço, peguei a mala, o banco e segui para a posição escolhida no espaço.

Nesse dia levei um banco pois a intenção não era a de permanecer sentada por muito tempo e sim ter um apoio quando fosse necessário.

Abri a mala, tateei as roupas que havia selecionado fazendo um movimento de dançar com elas, apreciá-las. Enfim chegou o momento de vestir o corpo estranho e para isso precisaria me despir. Estava vestida com um maiô preto e por cima dele, um macacão bem folgado. Tirei o macacão lentamente para experienciar esse ato de tirar a roupa em espaço público de maneira cadenciada e desacelerada. Antes de vestir o corpo estranho fiquei alguns segundos (que pareceram minutos) o olhando, apenas de maiô. Abri o zíper das costas com cuidado e sem pressa, tateei os buracos da roupa, desse corpo que iria vestir e somente após esse processo de reconhecimento, saí de um estado despido, para vestido. E naquele momento, mais do que nunca, estava na forma de um corpo estranho, que por ser um corpo outro (por mais que possuísse a forma apresentada pelo meu inconsciente), não me causava o mesmo desconforto que experienciara logo antes, ao estar de maiô em espaço público. Agora eu era um corpo estranho com intenção de ser e um sabor agridoce dominou meu paladar.

Peguei a bacia, a argila em pó e o galão de água. Adornei o corpo estranho que vestia com outros elementos que havia colocado na mala de modo a deixá-lo ainda mais estranho e chamativo. Fiz a mistura da argila com água na bacia e por algum tempo fiquei misturando e misturando. Tentei levar o movimento dos dedos, mão e braços da mistura para o corpo todo percebendo maneiras outras

de ocupar o espaço com essa ação. Transitei por níveis mais baixos, ao me agachar, e altos, ao rodopiar e dançar com a tigela de argila.
Em seguida iniciei o processo de passar a argila nas mãos, pés e rosto, de maneira lenta, sentindo as texturas, cheiros e nuances da ação.
Nesse dia o parque estava movimentado e me posicionei num local de passagem entre a via de automóveis movimentada da orla e o estacionamento, as quadras e o anfiteatro que é utilizado enquanto pista de skate/patins. Em diversos momentos coloquei um lado estranho para fora e me movimentei de maneira espontânea e não usual, fazendo também ruídos e experimentando maneiras desafiadoras de me equilibrar.
Observei quem passava e quem se permitia, ao menos, trocar olhares com *aquilo* que estava acontecendo na passagem. Percebi desvios que aconteceram para evitar o encontro, também.
Ao final, guardei os objetos na mala, a fechei e saí andando do jeito que estava, me ausentando do Parque.

[Como um ocupar desviante afeta a fruição dos espaços? Como um ocupar desviante afeta a fruição dos corpos nos espaços? A fuga a uma ocupação desviante é um movimento que gera novas formas de transitar? O que fica registrado no espaço, tempo, corpos durante e após uma experiência errante, que erra no espaço, como essa?]

insistência urbana

ou como ir ao encontro dos "imponderáveis da vida autêntica"[28]

A insistência proposta por Alessia consiste no ato de permanecer em determinado lugar observando, compreendendo e interrogando detalhes nas dinâmicas ali postas.

"Desarmar nossos olhos para começar a ver." (DE BIASE, 2013)

[Como podemos estar presentes em algum lugar? O que esta ação comporta? O que significa tal presença corporal e que efeitos ela

[28] Título do texto publicado pela autora na Redobra nº12.

pode produzir no espaço e no encontro com as pessoas? (DE BIASE, 2013)]

Em sua proposta, a autora nos convida a levarmos nossa própria cadeira e insistir. A escolha de não utilizar o mobiliário urbano do local se dá de maneira a gerar curiosidade, assumindo de fato um lugar no espaço público, mas também de fazer compreender que estamos ali todos os dias com um propósito, intenção (DE BIASE, 2013).

Fomos também incitados a ter empatia pelo lugar em que se insiste.

> Trata-se principalmente da atenção e não da capacidade de conhecimento: olhar o que o tempo faz ao espaço, aos corpos das pessoas presentes e às trocas que acontecem. (DE BIASE, 2013, p. 83)

insistência urbana: Parque Jardim dos Namorados

Foram feitas algumas insistências nesse local. Algumas acompanhada, outras sozinha, mas sempre no mesmo horário e tentando manter o dia da semana. Esse segundo item foi mais flexibilizado por um desejo de ter mais insumos pro trabalho.

A insistência que irei relatar foi a realizada no dia 20.01.2023 (já tendo tido outras anteriormente) juntamente com Gloria Calderone, por termos conseguido ter uma boa troca e análises nesse dia, tendo bastante material para ser compartilhado.

[

O Jardim dos Namorados (como é geralmente chamado), fica localizado na orla marítima do bairro da Pituba e foi inaugurado na década de 60, durante a gestão de Antônio Carlos Magalhães enquanto prefeito da cidade. Momento esse em que grandes intervenções urbanas acontecem em Salvador, tendo enquanto marca a lei de Reforma Urbana, em 1968 (TRINDADE, 2007).

> Na década de 90, Kombi e barracas servem comidas, à noite, no Jardim dos Namorados. Estabelecimentos comerciais regulares se sucedem no local, inicialmente o empreendimento do Cruzeiro do Sul que foi sucedido pelo projeto Bingo, fracassado, e depois pela churrascaria Roda Viva. Na ocasião, as calçadas estavam mal conservadas, com "mato", os equipamentos esportivos encontravam-se estragados e à noite, o local constituía-se em ponto de prostituição (A TARDE, 27/04/1997, p.3, apud TRINDADE, 2007, p. 64 e 65)

Com esse trecho do jornal de circulação diária A TARDE, nos dá a entender quais usos estavam sendo dados ao espaço. Em 1998 se inicia então um projeto de "revitalização da orla", tendo o Parque Jardim dos Namorados reinaugurado em 1999 contando com a presença do até então senador Antônio Carlos Magalhães, do prefeito Imbassaí.

> **A recuperação ambiental e urbanística do Parque Jardim dos Namorados foi executada em convênio com o governo do Estado da Bahia e município, com recursos oriundos da privatização da Companhia de Eletricidade da Bahia (COELBA) abrangendo uma área de 77 m^2 e 1,5 km de extensão que vai do clube Português até o Jardim de Alá. (A TARDE, 05/03/1998, p.7).**
>
> **A execução desse projeto exigiu a demolição do prédio da churrascaria RODA VIVA, em 1998, depois de tumultuado processo judicial. (A TARDE, 03/03/98, p. 5).**
>
> **A presidente da CONDER, em 1998, Sonia Fontes, declara que o projeto "permite a revitalização do JN" e considera o Jardim dos Namorados "ponto de referência para a Pituba, usado para lazer e grupos de terceira idade que praticam tai chi.". (A TARDE, 1/03/1998, p.6). Afirma Fontes, que o projeto prevê plantio de coqueiro e vegetação no local, estabelecimento para administração, indica que as barracas de coco existentes há 27 anos no local serão**

> removidas, mas que outras barracas surgirão com sanitário público, os pescadores serão removidos e terão local para a venda. Ainda em relação ao projeto, afirma que o mesmo prevê: núcleo de serviços, tipo balneário, com barracas de praia, quadras, Posto de SAC, Loja 24 horas, quiosques (caldo de cana, coco e sorvete), ciclovia e calçadão. Apoio de recreação com estacionamento e aluguel de bicicletas, além de travessias elevadas e redutores de velocidade. (A TARDE, 1/03/1998, p.6). (TRINDADE, 2007, p. 65)

Em seguida ocorre a mais recente intervenção do Estado no local com a construção de bares dentro do padrão arquitetônico implementado pela prefeitura de Salvador (durante gestão de ACM neto) para a orla da cidade (como foi feito no antigo Mercado do Peixe, no bairro do Rio Vermelho, passando a se chamar Vila Caramuru). Dessa maneira, é inaugurada[29] a Vila Jardim dos Namorados, em 2018, trazendo a esfera privada de maneira intensa para a região.

]

[29] Ver em: https://www.correio24horas.com.br/salvador/vila-jardim-dos-namorados-reune-gastronomia-musica-e-arte-na-orla-1118

Com essa breve contextualização, para entendermos um pouco das dinâmicas impostas ao local, inicio o relato de campo da insistência citada anteriormente.

Nos encontramos no local por volta das 15h30, para que desse tempo de mostrar o espaço para Gloria[30] e decidirmos onde insistir, iniciando às 16h, por ser um horário de transição de fluxos e ocupação já observado anteriormente.

Decidimos nos posicionar no campo gramado entre o anfiteatro e as quadras de esporte, para termos um maior campo de visão do parque.

O sol ainda estava quente e com fluxo baixo de pessoas. Olho ao redor para perceber o que estava acontecendo naquele exato momento e avisto alguns homens (maioria de adolescentes), onze, para ser mais precisa, ocupando a quadra de basquete; cerca de cinco homens ao lado do quiosque onde vende água de coco; cerca de dezoito pessoas (sendo maioria de homens e as mulheres presentes estão enquanto tutoras de crianças) ocupam o anfiteatro (que é utilizado majoritariamente como pista de skate e patins) com um senhor sentado na arquibancada vendendo água em um isopor; passam alguns ambulantes de comida (picolé, cachorro quente e açaí - que permaneceu no local).

Percebo, nesse momento, que a maioria das pessoas que permanecem no espaço são homens.

---

[30] Gloria Calderone, vinda da Universidade de Florença, fez doutorado sanduíche, permanecendo no Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano (PPG AU) durante um semestre.

Em meio a essa observação, dois jovens, um homem e uma mulher, se abrigam na sombra de um coqueiro que estava ao meu lado e iniciam o diálogo:

Homem - Porra vei, aquele filme Avatar é bom demais, né? Mas que desgraça viu... a humanidade não presta! Fiquei irritadão valendo, cheio de odjão. E ainda tinha aquela miséria do general... aquela porra não morre não é vei??
Mulher - Né o que vei!!! Que inferno! E ainda vai e morre aquele menino lá...
Homem - NÉ VEI?! Logo o filho predileto... Não podia ter morrido aquela guria? Ninguém ia sentir falta! Ou então aquela toda estranha...
Mulher - Oxente vei, deixa a menina! Mas é mesmo... a guria ninguém ia sentir falta.
Homem - Oxe, mas se ela é toda estranha mermo? Toda num negócio de ficar lá sozinha fazendo estranhice.
Mulher - RISOS. Ouw vei, você não presta...

Conversaram mais um pouco e saíram da sombra do coqueiro, seguindo seu caminho...

Às 16h30 percebo um aumento de fluxo, com o sol começando a esfriar. Uma das quadras de futebol começa a ser ocupada pelo o que aparenta ser uma família (dois adultos e duas crianças). A outra quadra é ocupada por uma adulta, que acompanha um menino com cerca de 4 anos de idade. Em seguida chegam mais dois meninos (cerca de 10 anos de idade) com a tutora.

O fluxo na pista de cooper e bicicleta aumenta gradativamente.

Às 16h52 chega uma empresa de banheiro químico e instalam ao nosso lado, fazendo uma barreira visual entre o anfiteatro e as quadras de esporte, dez unidades (depois fiquei sabendo que no dia seguinte iria acontecer um evento religioso no parque e ocorreu a contratação desse serviço). Ao ficarem se perguntando onde colocar os banheiros, perguntei se gostariam que a gente trocasse de lugar, caso estivesse atrapalhando o serviço deles. "Quiii, atrapalha não! Não queremos atrapalhar o momento relax de vocês, podem ficar aí." Achei interessante a percepção dele acerca do que fazíamos ali. Decidiram então colocar na beira da grama, por ser "um lugar perto dos skatistas", argumentou um dos funcionários.

Trocamos de lugar, pois não mais conseguíamos visualizar as quadras de esporte, permanecendo no local que aparece na imagem abaixo.

(fotografia feita em câmera instantânea por Gloria Calderone)

Foi percebido um aumento contínuo com o passar do tempo, sendo associado tanto ao conforto térmico (pois se trata de um espaço pouco arborizado e com mobiliário que esquenta com a incidência de luz solar) e horário de final de expediente (tendo inclusive adultos com uniformes de trabalho no espaço). Ficou notável também um número quase total de praticante de esportes nas quadras (basquete e futebol) sendo do sexo masculino, tendo mulheres em maioria no lugar de cuidadoras de crianças ou acompanhantes de adultos homens que praticavam esporte. Aconteceu uma ocupação grande em todos os ambientes, tendo muitas famílias com crianças, tutores com animais de estimação e adultos se direcionando aos bares da Vila Jardim dos Namorados.

Por volta das 16h30 a Transalvador passou no local multando os carros que não acionaram a zona azul. Às 17h40 o estacionamento da zona azul se encontrava praticamente lotado e a partir das 17h30 agentes da zona azul chegaram ao local.

Foi percebida maioria de ocupantes e transeuntes enquanto pessoas negras e do sexo masculino.

tentáculo

preparação de corpo: o improviso no contato

04.08.2022

Nesse dia a proposta foi a de trabalhar com improvisações. Ao entrar na sala do CAAPA notei algo diferente: haviam tecidos espalhados pelo espaço, em cima das cadeiras que ficam dispostas em formato circular.
Comentei que havia notado a diferença e Luciana riu, como quem diz: éé, se prepare que trouxe algo novo pra você.
Me explicou que ela havia trazido aqueles figurinos para inserir na prática do dia.
Começamos nos alongando, como de costume, e já dentro desse momento o improviso apareceu. Fomos ativando cada parte do corpo, iniciando pelos pés, e a intenção era a de experimentar movimentos inusitados em cada região. Pernas, joelhos, quadris, tudo junto. Em seguida tronco, peito, braços, mãos, pescoço, cabeça. O corpo inteiro.
Nos movemos, andamos pela sala, pulamos, rodamos. Sentindo o espontâneo surgir, se permitindo sair do eixo, desequilibrar. Brincamos. Em alguns momentos Luciana parava para registrar com o celular minha movimentação e ao final ela pontuou que percebeu uma dificuldade em movimentar braços e quadril, o que condiz muito com a forma que me percebo.

Trago esses detalhes para mostrar a importância de ter alguém conduzindo e com esse olhar atento durante todo o processo.

Após esse momento iniciamos um exercício de entrega e confiança. A proposta foi a de que uma das duas, com as costas de frente para a outra, soltasse o peso e saísse do eixo para que a outra sustentasse quem estava se soltando. Luciana foi a primeira, pra que eu entendesse melhor a dinâmica. Virou de costas para mim, coloquei as mãos em suas omoplatas e ela soltou o peso. Fiz uma flexão com os braços para que ela saísse do eixo e ficasse em diagonal e a devolvi a posição inicial.

Na minha vez fui mapeando o que estava sentindo para que, de forma consciente, conseguisse fazer a prática sentindo o que surgisse sem contrair. É sempre muito importante que exista confiança com quem se está construindo a preparação de corpo para deixar fluir e sair o que for preciso.

Durante esse exercício nos soltamos, rimos. Acabou sendo uma prática em que nutrimos uma relação de mais intimidade, por ter exposto vulnerabilidades.

Repetimos o exercício duas vezes em cada, quase como um aquecimento para o que estava por vir.

Em seguida passamos a deixar uma pequena distância e deveríamos nos soltar sem ter esse apoio imediato das mãos na omoplata. Fizemos esse movimento por cinco vezes em cada uma e trocamos as direções. Nos soltamos e nos seguramos de lado e de frente, também.

Muitas afetações foram percebidas durante todo o encontro, mas não vem ao caso relatá-las. Deixo o convite, sempre, para que exista

uma prática ativa de percepções. Suas e da outra pessoa que te acompanha.

No terceiro momento da prática do dia iniciamos o *contact improvisation*, que parte do pressuposto em que duas pessoas irão dividir o mesmo eixo, se apoiando mutuamente e com o movimento de um dos corpos, o outro também se move por consequência, como se fossem um. Caso exista alguma resistência e/ou dificuldade de uma das partes, fica impossibilitada a prática. Outra opção é trabalhar uma movimentação apoiada em alguma estrutura fixa e rígida, como, por exemplo, uma parede do espaço. A ideia é experimentar. Explorar a parede e o corpo nela. Cabeça, mãos, braços, pernas, cotovelos, bunda.
Como é o contato do corpo na parede? Existe alguma dor? Como seria fazer um movimento o mais não usual possível?
Ficamos nesse exercício por cerca de dez minutos.

Circulamos pela sala soltando o corpo, sentindo a memória dos movimentos do dia. Luciana me entregou um lenço para que improvisasse com ele, como se fosse parte de mim. Em seguida o trocou por outro lenço. Mais leve e com textura diferente do anterior e depois outro lenço, ainda mais leve e de material também diferente. Voltamos para o primeiro lenço e ao final ela pediu que o devolvesse e continuasse com a movimentação como se ele ainda estivesse ali. Havendo um esforço de lembrar da textura, peso e a sensação que estava sentindo ao manuseá-lo anteriormente. O mesmo foi feito com os outros dois e fomos para o momento de improvisar com os figurinos que ela havia trazido. Esse foi um dos

momentos mais desafiadores do encontro. Comecei movimentando o corpo de forma aleatória, tentando aquecer e experienciar a proposta do início da aula. em seguida me deparei com uma saia de chita e a coloquei na cabeça tendo, naquele momento, lindos longos cabelos coloridos. Incorporei a Joelma que há em mim e rodei meus cabelos emprestados. E assim por diante, passeando por todos os figurinos ali dispostos.
Alongamos, fizemos um momento de relaxamento e finalizamos.

Luciana fez o comentário que citei anteriormente sobre minha movimentação de corpo e das regiões que percebeu uma trava. Falei de como percebi isso também, a trava, e de como achei interessante observar que durante a prática final fui me cobrindo, me cobrindo, até que estava toda coberta.

[Como experimentar o contato improvisação na cidade? Onde apoiar o corpo? Como dividir o peso com o concreto, com o material da cidade? O que esse ato pode movimentar nos espaços?]

experiência no Largo do Pelourinho

11.08.2022

[Nem iniciei a escrita e já sinto dores lombares, indicativo de tensão e angústia. Dores que falam sobre o desafio que é realizar esse trabalho, mas lá vamos nós.]

Cheguei ao CAAPA às 16h, como de costume, e nesse dia me senti mais nervosa que o habitual. Sinto esse mesmo nervosismo agora ao escrever. O corpo-experiência, sua mala e cadeira de praia. Naquele dia tudo estava mais cansativo, pois havia uma bagagem extra.

Cheguei "esbaforida", já querendo partir pra ação e Luciana me olhou, perguntou como estava e como tinha ficado depois do último encontro... Perguntou sobre o que havia trazido na mala e parei para lhe mostrar. Desacelerei.

A ideia era de trazer peças de roupas que não fossem do meu uso cotidiano, peças "esquecidas". Coloquei peças soltas, coloridas, com texturas e que desse pra brincar com sobreposições e acúmulos. Após esse primeiro momento fomos aquecer o corpo.

Acordar e aterrar.

Com o corpo já quente e intencionado, Luciana me ensinou uma canção da capoeira que desde então caminha comigo nas mais diversas situações:

"Dai-me licença aê
dai-me licença
dai-me licença aê, camarada
que agora eu vou chegar"

Cantamos juntas por algum tempo enquanto andávamos na sala para finalizarmos o aquecimento e já sentia as vibrações.

Peguei a mala, a cadeira, o nervosismo e descemos as escadas.

[O planejado era me posicionar no largo e brincar de vestir o que havia na mala, trazendo uma prática do âmbito privado para o público. Fazer esse movimento com calma, como quem acarinha e aprecia o que está prestes a colocar no corpo. Depois, tirar tudo, observar o entorno, fechar a mala e sair.
Assim o fiz. O grande objetivo para aquela experiência era o de perceber as trocas, todas elas. Comentários, olhares, toques. Sem dissociar, manter a presença. Perceber como o espaço se afetaria com os movimentos propostos, como as pessoas ao redor receberiam, também. Causar estranheza ao montar esse corpo estranho.]

Descemos as escadas cantando a canção. Quando colocamos o pé na rua o canto passou a ser um murmúrio e assim foi durante todo o tempo da experiência. Sinto que foi o que me permitiu manter a serenidade e o eixo. Dissociei em alguns momentos? Sim. Em muitos momentos me fechei em minha função ali, foquei nela, para conseguir finalizar. Acessar camadas de desconforto com essa intensidade é algo extremamente desafiador.
Coloquei os pés na rua, me direcionei lentamente, ao Largo do Pelourinho e me posicionei de costas a escadaria, no topo da ladeira e de frente para a rua do Tabuão.
Abri a cadeira de praia e coloquei a mala ao lado. Tirei o sapato para sentir a firmeza dos pés no chão. Abri a mala, olhei as peças que ali estavam, sentei na cadeira e continuei com o processo.
Foi interessante perceber o "público fiel" que acompanhou a experiência do início ao fim, com um olhar curioso e igualmente espantado. Adicionei as camadas de roupa de forma bem aleatória.

A intenção era de vestir o que pegasse, de me movimentar com essa peça até a vestir. Brinquei de vestí-las da forma que quisesse. Fui criando esse corpo estranho a partir do vestuário.

Em certo momento escutei um: "Oxe, oxe, oxe! Opalí", de uma moça que passava. Sorri de canto de boca com essa reação.
Ao adicionar todas as peças que desejava, parei. Olhei ao redor com calma. Observei quem acompanhava com atenção e quem passava.
Em minha frente parou uma viatura da polícia. Gelei, mas sabia que não estava só e que caso precisasse, Luciana daria suporte. Me questionei se alguém os teria acionado ou se era uma manobra de costume. Ficaram ali parados, com a viatura em diagonal com relação a onde estava, pelo o que estimo terem sido cinco longos minutos.
Me olharam intrigados. Riram e eventualmente seguiram.
Desmontei o vestuário, também lentamente, e cuidadosamente guardei tudo na mala. Fechei a cadeira e saí.

[Pode a estranheza movimentar os espaços e existências de maneira a criar espaços outros? No que isso resultaria? Esse resultado é mensurável? O que a sobreposição de vestimentas, camadas, da forma como foi trabalhada nos convoca a sentir e refletir? Essa ação pode ser inquietante? Onde essa inquietação nos leva? Como o nosso vestuário impacta na nossa permanência nos espaços?]

(cápsula 3

corpo
mala de
viagem.
acúmulos e bagagens que ao serem sentidas, afagadas
e compartilhadas, abrem espaço para novas conexões.

25/08/2022)

PagBank
PagSeguro

Elo
PagBank
PagSeguro

Tenda dos Milagres

Oelo
Oelo
Oelo

PagBank
PagSeguro

PagBank
PagSeguro

preparação de corpo: yoga

28.07.2022

Nesse dia nos encontramos direto na sala da CAAPA, às 16h. Conversamos um pouco sobre o encontro anterior e em seguida Luciana falou sobre a prática do dia, de yoga, focando nos Asanas, prestando sempre atenção na presença durante o movimento, na intenção do movimento e na consciência da respiração. Quando ela falou sobre a intenção lembrei das dificuldades do encontro anterior e comentei que senti dificuldade no chamado para colocar mais intenção e a agressividade pra fora durante os golpes de ataque da capoeira angola. Como estava muito focada em
"acertar" o movimento e não consegui me entregar direito. Luciana falou da importância em não se julgar, se culpar, e acolher o possível do momento, que estava tudo certo e que tinha sido minha primeira experiência, que era assim mesmo.
Mais cedo naquele dia, ela pediu que levasse uma toalha para a prática do dia. Até tinha um tapete de yoga em casa, mas levei a toalha para ter essa experiência com outra materialidade. No início da prática ela explicou o porquê de se colocar um tecido ou tapete entre o nosso corpo e o chão. "para o yoga é importante que exista uma barreira que filtre as energias que chegam e vão para o solo, para que essa troca não seja tão intensa", disse.
Fizemos alongamentos, posições de relaxamento, com respiração constante e consciente em concomitância. Na hora de fazer o que conheço pelo nome de "prancha", senti o corpo todo tremendo e me

mantive no foco de não lesionar a lombar, onde já sinto dores crônicas e o fortalecimento da musculatura dessa região é importantíssimo para a redução de danos. Percebendo o desafio, Luciana disse para sentir esse corpo que treme e permanecer até onde fosse possível. Meu possível durou cerca de 30 intensos segundos e repetimos por três vezes. Outra sequência que movimentou as águas internas foi a "saudação ao sol", que repetimos oito vezes. Suei. Escorri. Tremi.

Ao final fizemos o relaxamento e posições de alongamento para a coluna e deitada no chão com a barriga para cima experienciei a possibilidade de estar nessa posição sem dores na lombar, o que é extremamente raro.

Finalizamos a prática e fomos sentar na escadaria do largo do Pelourinho para observar o espaço. Conversamos sobre a possibilidade de uma mini performance, de me colocar naquele espaço com uma intenção e suscitar essa experiência. Brincamos de tatear como seria, e imaginar a cena me animou bastante. Em dado momento um senhor me abordou pedindo dinheiro para comer, respondi que não tinha. Ele insistiu um pouco e ao repetir a negativa, ele seguiu seu rumo. Percebi em como já estava com uma corporalidade diferente naquele espaço em decorrência de todos os encontros com Luciana.

Olhar pra frente e não pro chão, peito aberto, presença e intenção. Aprendizados que venho incorporando, aos poucos. Permanecemos por mais um tempo, nos despedimos e seguimos nosso caminho.

[O tapete de yoga serve como uma camada de proteção/barreira. O vestuário, a epiderme e a casa não funcionam com uma lógica

semelhante quando se pensa em relação a cidade? Seria possível ou até mesmo desejável tornar alguma dessas camadas mais penetrável (não necessariamente de forma literal)? No que esse ato resultaria? Como colocar o corpo-experiência na cidade de maneira propositiva?]

insistência urbana: Largo do Pelourinho

No dia 03.08.2022 fiz a primeira insistência no Largo do Pelourinho. Era uma quarta-feira ensolarada e nesse dia não tive companhia, como Alessia propôs[31], mas ainda assim fui.
Durante a preparação de corpo tivemos momentos de nos sentarmos na escadaria da Fundação Casa de Jorge Amado onde observamos o movimento, mas nesse dia, eu insisti.

Cheguei por volta das 9h30 e permaneci até às 12h30.

Nesse ambiente decidi não levar uma cadeira de praia por entender que, para essa atividade, ela passa um discurso que não era o desejado. Minha corporeidade + a cadeira de praia colorida naquele espaço, sentada, com o caderninho de campo, passaria uma ideia de descanso, fruição, lazer, pensei. Então decidi que insistiria na escadaria mesmo, e assim fiz.

[31] Mas a própria autora nos convida a desviar as metodologias e adequar à circunstância que nos inserimos.

Existe um movimento no Largo que se difere dos espaços privados do Pelourinho. Ali ficam vendedores ambulantes, percussionistas com seus instrumentos, Baiana de Acarajé, Baiana "cenográfica"[32], trancista, pessoas do Axé oferecendo banhos e limpezas... E mesmo com tantos serviços sendo ofertados[33], se instaura um fluxo de pouca permanência, mas de muito consumo. Turistas param, capturam fotos e vídeos consumindo o que é ali ofertado. Poucos são espaços nas ruas do Pelourinho em que os turistas permanecem, mas isso não significa que as ruas são esvaziadas em permanência durante o dia, pois quem dá vida àquele território são os que ali vivem e frequentam, seja pela moradia ou pelo trabalho.

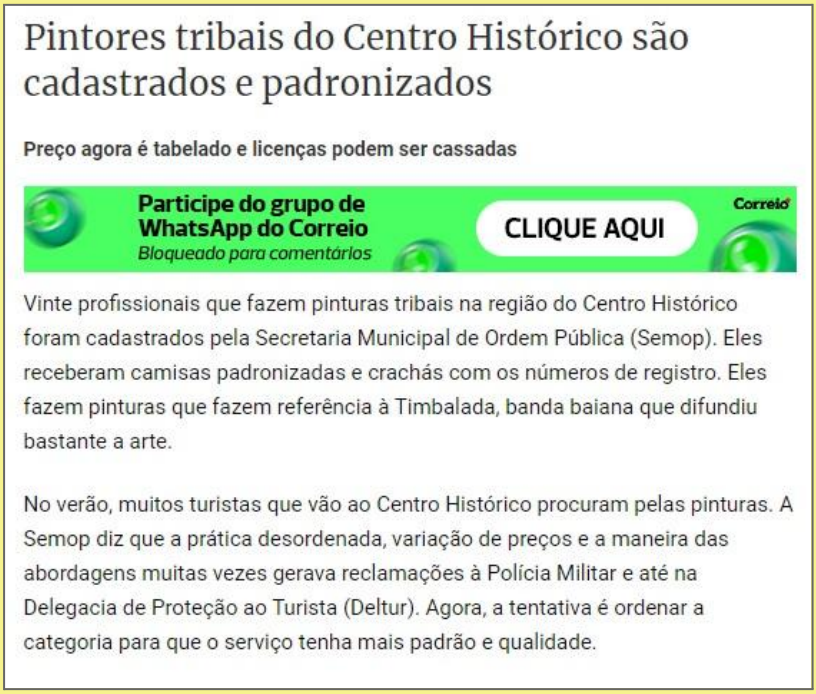
Pois bem, posicionada estava e segui a fitar as existências... Observei os "pintores da Timbalada" e admirei um tanto as pinturas em branco no corpo do artista, para "vender seu peixe", e me lembrei de uma conversa que tive certa feita, onde me explicaram um pouco sobre a história dessas pinturas, que a Timbalada disseminou e tornou popular e que surge a partir do artista plástico baiano Ray Vianna.

---

[32] Chamo assim a Baiana em que seu serviço consta tirar fotos com os turistas e não vender produtos do ofício da Baiana de Acarajé, mas isso não significa que a Baiana de Acarajé não possua um caráter cenográfico dentro daquele contexto, pois muitos dos elementos ali inseridos possuem um cunho espetacularizado acima da média do que se encontra na cidade contemporânea.. O Pelourinho é um território com vasta complexidade, ao qual não irei entrar a fundo nesse trabalho.

[33] Trago atenção pra essa frase por entender que na cidade contemporânea, em que é embutida aos espaços públicos uma lógica do privado, a prestação de serviços na rua é um dos motivadores para que a população permaneça na dimensão do público, na rua.

Era começo dos anos 90 e a banda Timbalada se preparava para um grande show em Salvador. Um dia antes, um problema no figurino fez surgir o que veio a se tornar um dos símbolos dos músicos do Candeal: a pintura corporal com desenho em tribal branco. O primeiro corpo pintado foi o de Pintado do Bongô, Mestre de Carlinhos Brown, referência da percussão contemporânea brasileira. Daquele dia em diante, os corpos pintados viraram a assinatura do Timbalada. (Arte Urbana em Salvador pelo artista plástico Ray Vianna - https://www.salvadordabahia.com/roteiros/arte-urbana-em-salvador-pelo-artista-plastico-ray-vianna/)



Pintores tribais do Centro Histórico são cadastrados e padronizados

Preço agora é tabelado e licenças podem ser cassadas

Participe do grupo de WhatsApp do Correio
Bloqueado para comentários
CLIQUE AQUI
Correio

Vinte profissionais que fazem pinturas tribais na região do Centro Histórico foram cadastrados pela Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop). Eles receberam camisas padronizadas e crachás com os números de registro. Eles fazem pinturas que fazem referência à Timbalada, banda baiana que difundiu bastante a arte.

No verão, muitos turistas que vão ao Centro Histórico procuram pelas pinturas. A Semop diz que a prática desordenada, variação de preços e a maneira das abordagens muitas vezes gerava reclamações à Polícia Militar e até na Delegacia de Proteção ao Turista (Deltur). Agora, a tentativa é ordenar a categoria para que o serviço tenha mais padrão e qualidade.

(Recorte de correio eletrônico "Correio 24 horas" disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pintores-tribais-do-centro-historico-sao-cadastrados-e-padronizados/> Acesso: 11/04/2023)

"Padronizadas", "cadastrados", "prática desordenada", "padrão e qualidade".

Essa matéria de jornal eletrônico soteropolitano entrega em sua articulação textual símbolos de como o Estado lida com o território do Pelourinho. Refletir criticamente sobre esse espaço exige um olhar, principalmente, sobre o turismo, homogeneização e pacificação deste local. Se faz necessário entender que estamos

falando de um território histórico, tombado[34] pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e, principalmente, espetacularizado pelo Estado. Entender a disputa política que abarca essa poligonal é de fundamental importância para iniciar qualquer leitura dos gestos urbanos que ali ocorrem. Perceber que medidas como essa que a Prefeitura de Salvador aplica com o intuito de controlar os corpos que ocupam o espaço com seu trabalho é, também, uma forma de pensar e planejar cidades.

> **[...] quando passamos do empobrecimento da experiência da alteridade na modernidade ao que seria a sua expropriação contemporânea [...], o que fica evidente é a atual estratégia de apaziguamento programado do que seria um novo choque contemporâneo: uma hábil construção de subjetividades e desejos, hegemônicos e homogeneizados, operada pelo capital financeiro e midiático que capturou o capital simbólico e que busca a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas entre**

[34] O conjunto urbanístico e arquitetônico contido na poligonal do centro histórico de Salvador - declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco em 1985 - é um dos mais importantes exemplares do urbanismo ultramarino português. Com seus becos e ladeiras, acolhe um dos mais ricos conjuntos urbanos do Brasil, implantado em acrópole e distinguindo-se em dois planos as funções administrativas e residenciais (no alto) e o porto e o comércio (à beira-mar). Entre 1938 e 1945, vários monumentos do centro histórico foram tombados pelo Iphan, para garantir a preservação do Largo do Pelourinho e do seu entorno imediato. ((IPHAN, disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/241)

> diferentes - seja pela diferenciação, seja pela inclusão excludente - promovendo, assim, a pasteurização, homogeneização e diluição das possibilidades de experiência na cidade contemporânea. (JACQUES, 2014, pg. 21 e 22)

Com isso, entramos num impasse entre preservação e restauro com o ocupar e habitar a cidade, assumindo as possibilidades e temporalidades desse corpo (a cidade e tudo que nela vive, pulsa). Quando pensamos na história da formação da cidade de Salvador isso fica muito evidente. Inicialmente os Portugueses invadiram o que hoje chamamos de Centro Antigo e ali fizeram morada a partir da exploração de outros povos, os escravizando. Quando a expansão territorial se dá, o Centro Antigo e o Centro Histórico não mais são interessantes e um movimento da elite acontece em fluxo migratório para o Campo Grande, em seguida Barra, Rio Vermelho, etc., deixando os casarões para as pessoas ex escravizadas e sem nenhuma condição econômica de fazer a manutenção desses espaços. Como cobrar, na atualidade, que os moradores do Centro Histórico, que resistem às investidas do capital financeiro e especulativo, não façam intervenções em suas moradias que possam 'descaracterizar' a arquitetura tombada pelo IPHAN? Moradia essa que por tempos foi ocupada e entendida enquanto cortiço, abarcando muitas famílias em espaços que antes era ocupado por um único núcleo familiar branco, para que juntos conseguissem cuidar e manter aquele lugar, além de ter um teto, um espaço seu. Sem contar com a perseguição que essas famílias passaram com a ascensão das políticas sanitaristas e higienistas por todo o país.

Quando essas pessoas vão ter direito, de fato, à moradia? Porque soa aos ouvidos que a arquitetura histórica e monumental ocupa *status* de mais relevância do que a dignidade humana e garantia de direitos básicos quando se pensa nessas políticas públicas?

A Rua Chile, o Santo Antônio Além do Carmo e o Comércio são exemplos desse movimento de especulação imobiliária e gentrificação atualmente. Diversos prédios e casarões abandonados, sem manutenção, se deteriorando com as intempéries do tempo e nenhuma atitude é tomada. Os espaços precisam estar ocupados, pois quem ocupa, cuida. Não faz sentido termos o tanto de imóveis privados abandonados pela cidade quando temos uma demanda imensa de pessoas em situação de rua. Muito desse movimento é pensado para favorecer a especulação imobiliária e processos de gentrificação, onde grandes empresas compram diversos prédios em determinado território e os deixa sem uso para que a região tenha uma queda em seu valor especulativo para que, em seguida, essa empresa compre quarteirões desse território e aí sim, são feitas grandes reformas para "revalorizar", "revitalizar" o que está ali posto, fazendo com que os preços de aluguéis, do pão e dos serviços da região aumentem e quem não tem condições de se manter ali precise vender ou sair de onde mora e/ou trabalha, se direcionando para as margens da cidade e da sociedade, pois a cidade também é pensada enquanto método de exclusão e segregação econômica e social.

Na década de 1980 se inicia o Plano de Recuperação do Centro Histórico da cidade de Salvador, onde Lina Bo Bardi foi convidada

pelo então prefeito, Mário Kertész, para elaborar o Plano, a fim de "revitalizar" a região, dando pulso para o turismo.

> Lina Bo Bardi, em seus estudos sobre o Centro Histórico de Salvador, declarou que não se tratava de um "trabalho turístico", realizado com o intuito de converter o Pelourinho numa "cidade-sorvete". Ela propõe então um projeto para onde o conjunto do centro histórico estivesse ligado com sua herança cultural, contudo, sem lhe transformar em uma simulação para turistas. (CONSTANTI, PALAZZO, 2019, p. 15)

O que Lina planejou não foi devidamente executado, como podemos perceber na cidade que hoje se apresenta, com o foco principal no turismo.

Com essa análise em mente me coloco a refletir acerca das experiências propostas nesses territórios.

O que sai dessas experiências? Desse processo todo percorrido, o que resta? O que é essa cidade agora experimentada através do corpo? O que esse corpo provocou na cidade? Como repensamos as teorias lá do começo? O que significam essas preparações feitas através da caminhada, corrida, capoeira angola, yoga, dança? O que essas atividades corporais mais intensas mudam no corpo do arquiteto e urbanista e que poderiam ser levados enquanto experiências de cidade em seus projetos (caso eles as

experimentassem)? É possível propor disciplinas de estudo/preparação/percepção corporal dentro da graduação de arquitetura e urbanismo? Como seria isso? Como essas experiências realizadas podem possibilitar a criação de espaços outros? O que resta?

Foi bastante interessante perceber o processo de montagem do tabuleiro da Baiana de Acarajé do largo. Primeiro ela chegou com suas panelas e baldes e ficou esperando por cerca de 5 minutos seu ajudante chegar com a estrutura do tabuleiro. Enquanto ele montava o mesmo, a Baiana adiantava a limpeza da rua onde seu ponto fica com sua garrafa de Qboa e desinfetante. Com o espaço limpo e tabuleiro montado, iniciou toda a organização ao passo que o ajudante montava a estrutura do toldo, para que existisse uma cobertura de proteção. Todos que passavam por ela a cumprimentavam. Fiquei cerca de 20 minutos com atenção voltada para esse movimento, mas em algum momento desse processo fui interceptada por um homem que perguntou se eu tinha seda (papel utilizado para enrolar cigarro de palha). Quando disse que não tinha, o mesmo disse que "se quiser uma prensada da boa, eu tenho, é só falar que a gente desenrola". Muitas dinâmicas acontecendo ao mesmo tempo, inúmeras pessoas indo e vindo. Movimento, esse foi o principal registro da insistência.

tentáculo

preparação de corpo: danças populares

02.08.2022

Dançar sempre foi um desafio. Isso acontece por vários motivos que não vem ao caso. O fato é que em certo momento da vida me fechei, não me sentia confortável estando exposta, vulnerável, e a dança me remetia a isso: estar exposta ao ridículo, ao julgamento externo.

[A primeira experiência que tive na Dança Intuitiva (projeto de Inaê Moreira), em 2019, no morro da Sereia, foi uma das melhores e piores vividas até então.
De olhos fechados, Inaê sugeriu que ativássemos nossa percepção do espaço confiando que não nos machucaríamos e que nos movêssemos de forma espontânea. Nesse momento, em pé, meu corpo inteiro tremia. Estava perdida em mim, sem saber o que fazer.[35]
Como dançar o que "vem de dentro" se não sei o que há dentro? Como me movimentar de maneira espontânea se não me permito isso no dia a dia?
Vazio. Paralisei. A rigidez tomou conta. E tremi. Me veio um choro gutural. Engoli.

---

[35] Ao estudar sobre o que Freud chama de Das Unheimliche, tendo enquanto tradução possível de "O Infamiliar", entendi que nesse momento havia experienciado esse "aterrorizante" que "suscita angústia e horror" (FREUD, 2021). Vá até o caderno "caminhos e desvios" para dialogarmos com mais calma sobre esse tema.

Trago essa memória para ilustrar a tamanha dissociação entre os estados do corpo e reconhecer essa dificuldade torna possível que isso seja trabalhado, olhado, aprofundado. Reconheça as suas, quaisquer que seja.]

Tendo isso em mente, sinto que fui pra esse encontro com Luciana já levemente tensionada e sim, foi um dos encontros mais desafiadores pra mim. Acertar, acertar e acertar. Essa afirmação ficou martelando em minha mente em todos os ritmos experienciados. Iniciamos com a Dança Afro, em seguida o Frevo e por fim o Samba de Roda. Ao final dançamos de forma fluida tentando ativar a memória dos movimentos aprendidos, percebendo onde cada ritmo se encontra e até onde dialoga com a capoeira angola, que também tem sua parte de dança.

[É possível cutucar zonas de desconforto e acessar uma outra possibilidade de atitude corporal na cidade? No que isso acarretaria? A dança, intuitiva ou não, nos convida a ter mais fluidez corporal?]

experiência urbana: Parque Metropolitano de Pituaçu

[

O Parque de Pituaçu fica situado no bairro de Pituaçu. Foi criado pelo Decreto nº 23.666[36] em 1973, durante a gestão de Antônio Carlos Magalhães no governo do estado e de Mário Kertész, prefeito de Salvador na época. No Decreto foi colocado enquanto justificativa para a imediata desapropriação dos mais de 400ha, a necessidade de mais áreas verdes na cidade, tendo a localização destinada por motivos de movimento aumentado na Av. Luis Viana, com a criação do CAB (Centro Administrativo da Bahia). A existência do Parque é marcada por diversos conflitos e embates[37] com o poder público, virando manchete de jornais de circulação diária em diversos momentos.

]

---

[36] Ver em: https://documentacao.socioambiental.org/ato_normativo/UC/3971_20190503_153353.pdf

[37] Ver em: https://www.gamba.org.br/noticias/governo-muda-poligonal-do-parque-de-pituacu-na-surdina-e-gera-protesto-de-conselho-gestor
https://www.correio24horas.com.br/artigo/nossos-parques-nao-podem-ser-abandonados-sao-simbolos-de-amor-0818

18.08.2022

Nesse dia acordei um pouco agitada, mas animada. E por causa da agitação e ansiedade, cheguei antes do horário combinado no Parque, o que foi bom, pois pude ficar um tempo sentada observando o movimento e respirando para entrar, aos poucos, na energia da experiência.

Era 15h30 de uma quinta-feira e já imaginávamos que não teria um fluxo intenso de pessoas, mas enquanto processo seria importante ocupar aquele espaço também.

Nesse dia a proposta era o de trabalhar com a terra, a argila. escolhi uma roupa com coloração próxima à tonalidade da minha pele para que todos os elementos tivessem cores similares.
Luciana chegou, fizemos um trabalho de corpo para aquecer e ativar, peguei a mala e me posicionei na grama voltada para o fluxo de pessoas. Luciana sentou em um banco próximo, e iniciei.

Abri a mala, tirei os itens dela e fiz a mistura da água com a argila. Experimentei movimentos com o corpo como se o ato de misturar com as mãos criassem uma reverberação em todo o corpo, fazendo movimentos em espiral.

Quando chegamos no ponto do Parque que identificamos ter mais movimento naquele horário, logo vimos uma moça pescando na beira da lagoa e decidimos permanecer perto dela. Foi interessante perceber seu olhar atento durante toda a experiência.

Em sequência comecei a adicionar a argila, essa camada extra, na pele. Com movimentos lentos e tentando experimentar diferentes níveis de altura e forma corporal, essa camada foi se alastrando por toda a pele.
A maioria das pessoas estavam em movimento de passagem. Adultos com crianças, pessoas idosas, jovens se exercitando ou com caixa de som ouvindo suas músicas e curtindo um passeio. Poucas permaneciam. Foi percebido, também, um movimento de observação pelos funcionários do parque.

Após ter argila por todo o corpo e ir sentindo a mesma endurecer, iniciei movimentos craquelados, quebrados com o corpo. De forma investigativa o movimento foi se fazendo. Quando passavam pessoas as olhava, quase que convidando a se movimentarem comigo. Passei argila no tronco e raízes de uma árvore que estava próxima e em seguida comecei o processo de limpeza e extração daquela camada que havia sido adicionada.

Limpei a tigela com água e, com auxílio da canga que havia levado, comecei a tirar a argila. Após alguns minutos o processo havia sido finalizado. Joguei a água na grama, espremi a canga, guardei tudo na mala e saí.

Em seguida me encontrei com Luciana em outro local do Parque e conversamos sobre percepções da experiência. Luciana me deu alguns toques e dicas de como expandir mais o movimento e dar mais intenção ao que estava sendo feito.

Após cerca de 10 minutos de conversa sinto uma cólica uterina e o sangue descendo. Liberação de rigidez, fluxos acontecendo.
Essa foi uma resposta fisiológica que me fez perceber a quantidade de tensão que ainda carregava comigo em cada experiência que praticava. Registrei e segui.

PROIBIDO
indala

PROIBIDO
PEPSI

preparação de corpo: um encontro no parque

23.07.2022

Esse dia a proposta foi de conhecer nossas corporalidades.
Como havia chegado antes do horário combinado, às 9:45, decidi ficar observando o movimento da orla (em frente ao Parque de Pituaçu).

Corpos em movimento. Andando, correndo, em bicicletas. No ponto de ônibus, duas pessoas e um cachorro. Na praia, pessoas praticando treino funcional. Fiquei sem saber onde me posicionar, não me sentia confortável naquele lugar. Sentei um pouco na calçada, com vista para o mar e entendi que não era o momento de contemplar, de me deslocar para a paisagem distante. Sentei então no ponto de ônibus junto ao casal e o cachorro, que logo levantaram e seguiram seu rumo.

De início me percebi desconfortável na roupa que havia escolhido, principalmente pelo short curto de corrida, com pernas de mulher adulta com pêlos expostas. Importante pensar com mais atenção sobre o vestuário, constatei. Assumi o meu corpo estranho, vulnerável[38] e estrangeiro ao local e permaneci. Observava os

[38] Trago nesta nota uma afetação desse dia por entender que é importante dar luz a esse recorte no trabalho.
Naquele momento o desconforto veio acompanhado de um sabor amargo na boca. Estava com medo pois há poucos dias havia ficado sabendo que uma

transeuntes enquanto era também observada, em um jogo de trocas. Logo começou a chover e o abrigo do ponto de ônibus se fez insuficiente. Me abriguei então no carro, propriedade fechada e privada. Me liberei dos olhares, fiquei camuflada. Continuei observando o movimento.

Em seguida Luciana chegou.

Iríamos andar de bicicleta pelo Parque de Pituaçu, mas no ponto de bicicletas do Itaú não havia nenhuma disponível.

No Parque sempre teve um ponto de aluguel de bicicletas, tenho lembranças muito vívidas de finais de semana brincando e andando de bicicleta por lá, mas esse serviço não está mais disponível.

Dessa forma, optamos pelo improviso e decidimos fazer uma caminhada com intervalos de corrida na trilha do Parque.

Antes de iniciar a caminhada, fizemos um alongamento com calma, presença e cuidado. Aquecemos os pés, pernas, quadril, costelas, diafragma, braços, mãos, pulmões, pescoço, cabeça, rosto... não necessariamente nessa ordem.

Luciana explicou como esse momento havia sido pensado enquanto um experimento onde estávamos sendo observadas pelos muitos outros. Estávamos descalças, no início da trilha, fazendo alongamentos não tão usuais para justamente chamar atenção e isso nos dar insumos sobre como meu corpo reagia a esse tipo de exposição.

Dialogamos sobre a dificuldade que possuo nesse quesito e acordamos em trabalhar isso. Em seguida Luciana explicou sobre

---

conhecida tinha sido estuprada na rua, de manhã, ao caminhar para seus afazeres diários. Senti a dor desse corpo coletivo que nos une e a rua passou a ter mais uma camada de perigo iminente.

táticas de se manter no personagem, quando houver um, ou no eixo da persona e ainda assim encarar a platéia, o desconhecido, no contexto do teatro, mas dialogando com a proposta do projeto, da preparação desse corpo-experiência.

A conexão da terra com os pés e a condução de Luciana me levou a uma percepção de integração com o meio que nos rodeava, mesmo com o registro das culturas ocidentalizadas que rompe com o pertencimento da humanidade à natureza, como afirma Ailton Krenak em seu livro "Ideias para adiar o fim do mundo":

> **Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.**
> **[...]**
> **Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens de rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina.**
> **[...]**
> **Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. (KRENAK, 2019, p. 16, 21 e 24)**

Cócegas surgiram com formigas usando meus pés como passagem. Mais cócegas com uma aranha que permaneceu em minhas canelas, mesmo a tendo tirado já por duas vezes. No terceiro retorno a peguei na ponta dos dedos e a coloquei numa árvore, a quem ela pulou e permaneceu.

Durante todo o alongamento percebi pessoas paradas ao nosso redor e outras passando com olhares atentos ao que fazíamos. Fui mapeando as sensações que essa experiência causaria para ter indícios de onde aprofundar.

Durante todo esse processo de preparação de corpo, a minha recomendação é essa: observar os desconfortos para entender o que pode ter uma potência a ser desenvolvida.

Ao aquecer pernas e pés o equilíbrio foi testado. Deixei a criança que brinca surgir, para não mais tensionar na presença do "erro". Alongamento feito. Seguimos para a caminhada, Luciana descalça desde o começo, com os pés no chão. Segui de tênis, branco, no barro, na lama. Caminhamos e fomos conversando sobre como a permanência naquele espaço é gostosa. Até que Luciana sugeriu de corrermos um pouco. Esse momento foi importante para entender meu limite, perceber meu corpo em um movimento acelerado e o que iria surgir disso.

[Começamos a trotar e me percebi desengonçada, as pernas quase que esqueceram como se faz para correr de forma ritmada, pensei.

Demorei um pouco para encontrar meu compasso com os pulmões em desespero quase que clamando por uma boca e narinas maiores para que a passagem do ar se desse de maneira mais rápida. Ainda assim mantive a respiração dentro do compasso possível e sem alarde, fui acalmando.[39]]

Fizemos um movimento de caminhada com intervalos de corrida até chegarmos ao km 3 da trilha e voltamos, repetindo o processo.

Em um dos intervalos da corrida encontramos uma família que também havia feito a escolha de passar o sábado no parque e com a qual caminhamos junto e interagimos um pouco.

Durante os momentos de caminhada aproveitamos para conversar sobre o projeto, trazendo reflexões que me acompanham e, principalmente, sobre o desejo de experienciar no corpo a prática dessas teorias e ver o que surgiria a partir disso.

> **Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não**

[39] Em alguns momentos narrarei breves afetações de modo mais detalhado para ilustrar formas de auto percepção.

> tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.
> É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros. (KRENAK, 2019, p. 26 e 27)

[É interessante pensar nas noções de platéia, cenário, figurino, personagem dentro desse processo e utilizar isso enquanto ferramenta? Para qual caminho essa escolha levaria a pesquisa? Uma postura corporal mais desinibida e fluida soou despertar curiosidade de quem passava... Como incorporar essa atitude corporal de maneira proposital e propositiva para desviar da postura rígida e podada que se coloca enquanto norma (mesmo que existam os corpos que escapam a essa norma, em algum nível o controle dos corpos fica inscrito nas existências) em nossa cultura?]

tentáculo

experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados

21.04.2023

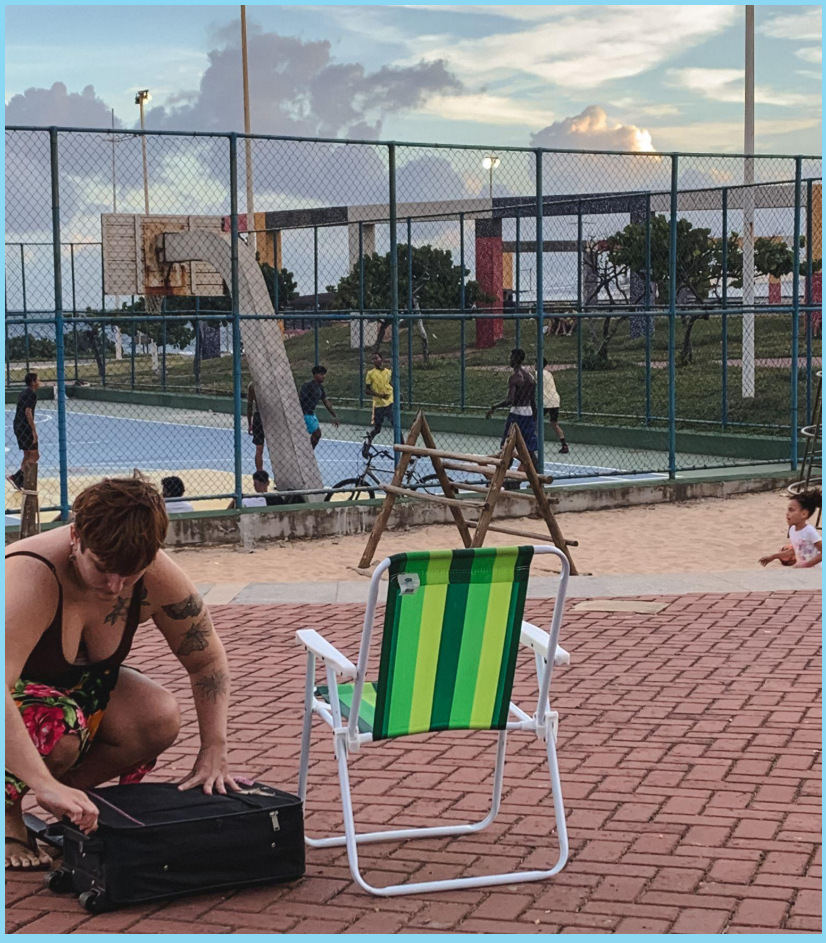
Esse dia era feriado na cidade e o movimento estava menos intenso do que o de costume. Quem me acompanhou foi Ricardo William e fomos juntos até o local por volta das 16h. A proposta girava em torno de levar o vestuário do corpo estranho e praticar uma atividade com cunho doméstico, privado, em espaço público. Decidi costurar o vestuário e fazer alguns ajustes nos tentáculos, prendendo alguns dos monóculos ali, *in loco*.

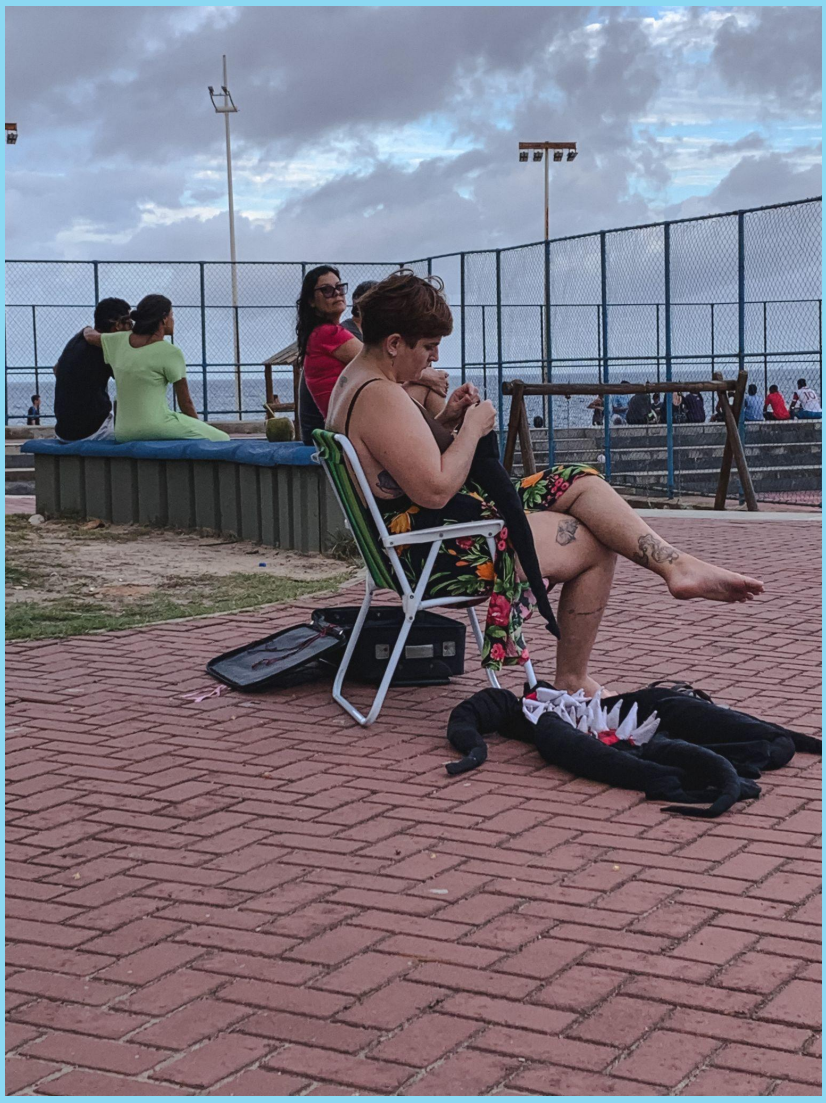
Dessa vez me posicionei mais próxima às quadras de esporte que existem no espaço, pois era onde estava com mais fluxo e permanência de pessoas. Me coloquei em lugar de passagem e de frente a onde tem mais movimento, para ser vista. Abri a cadeira e a mala, tirei os objetos que iria precisar, assim como a fantasia do corpo estranho, e iniciei a costura.

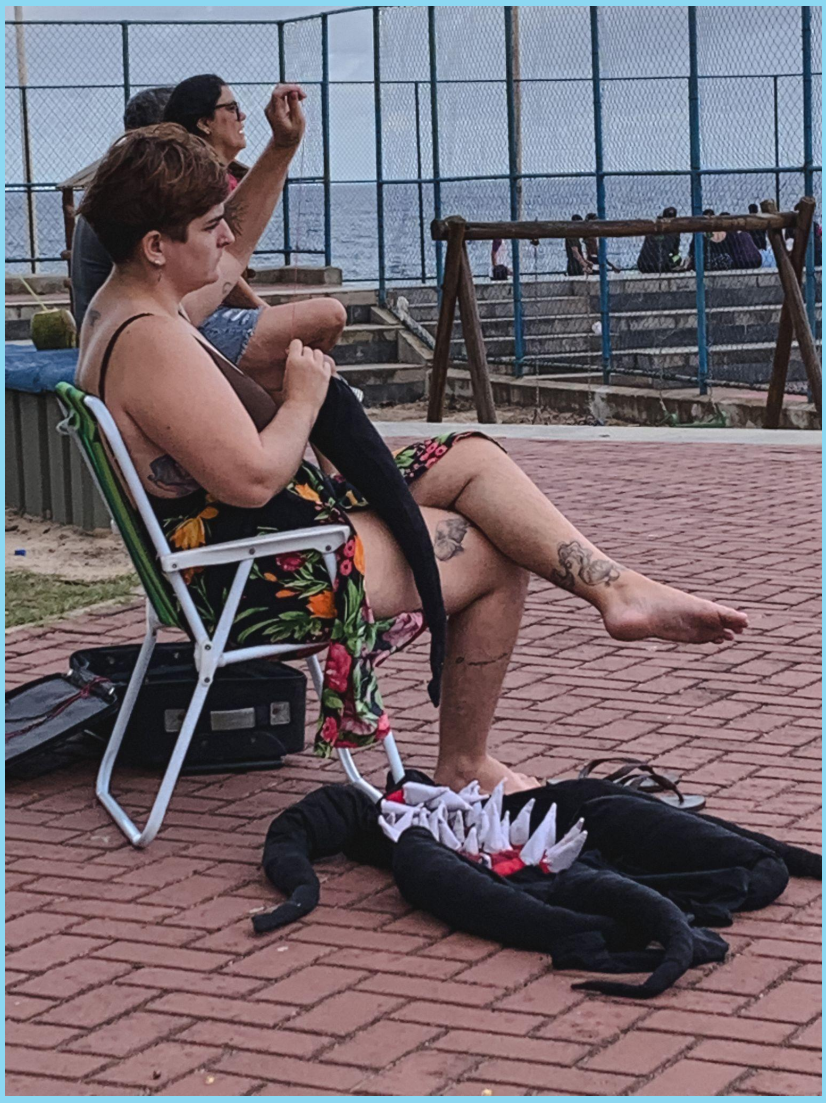
Durante o tempo da experiência observei inúmeros movimentos cervicais de duas pessoas sentadas próximas a mim enquanto tentativa de observação do que estava fazendo, assim como de transeuntes e crianças que passavam com seus tutores. As crianças são as melhores! As melhores interações saíram delas. Um olhar que não desvia, uma feição que entrega sua afetação e até questionamentos e dedinhos apontados para o que lhes causaram curiosidade.

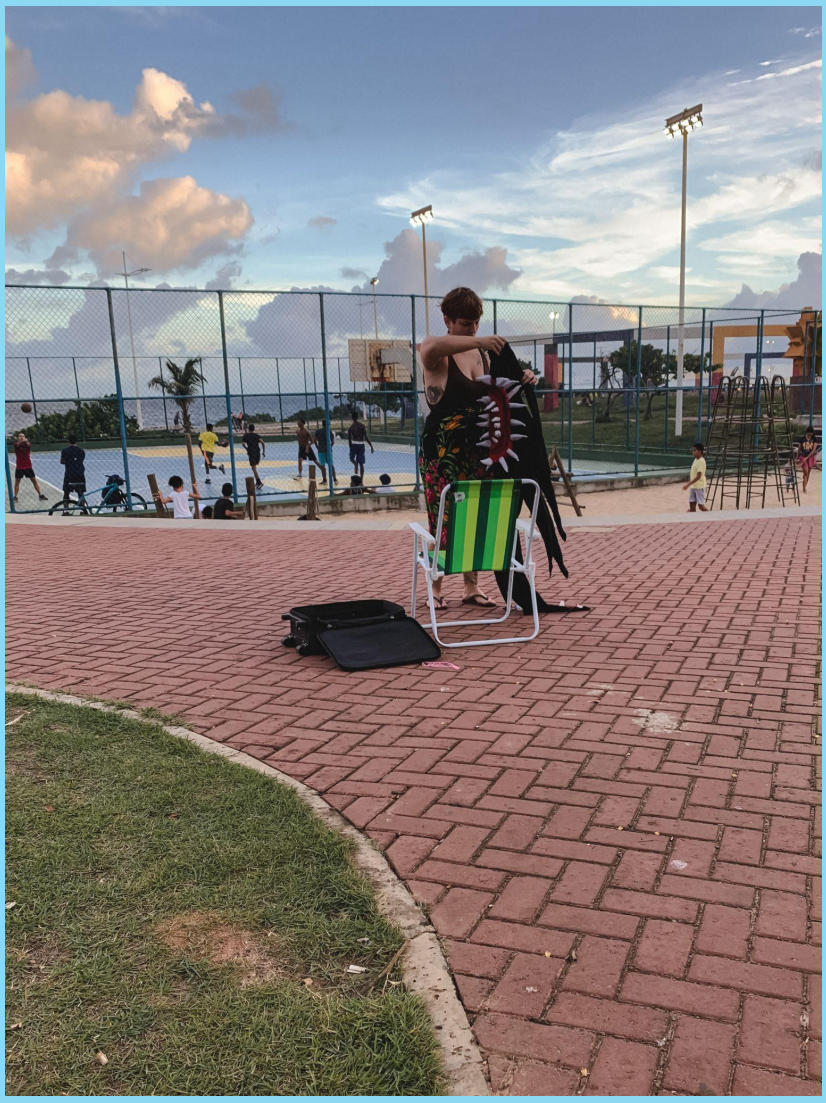
Foi curioso perceber como um simples gesto de costurar em espaço público causou tanto estranhamento, mesmo com movimento reduzido.

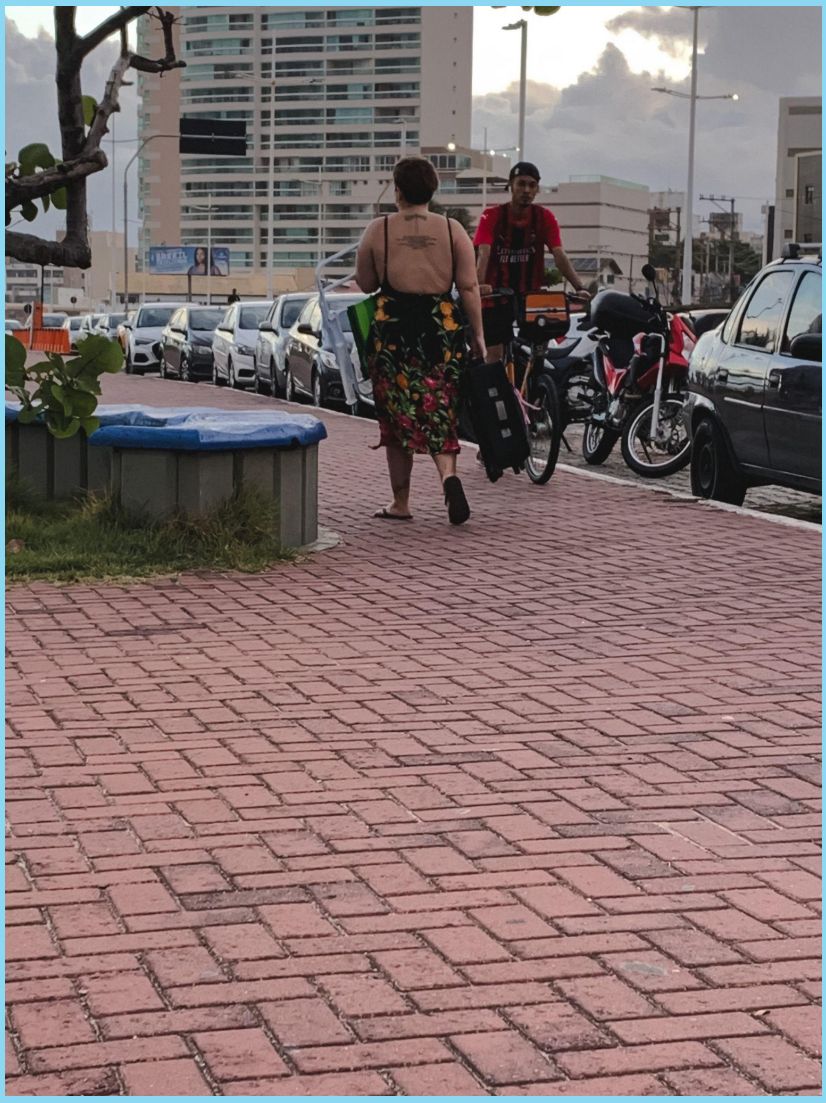
Após finalizar as costuras me posicionei próxima a uma de tantas árvores que tem no local, abri novamente a cadeira e a mala e selecionei um tentáculo para ficar costurado no espaço. Dobrei novamente a cadeira, fechei a mala e segui.











preparação de corpo: capoeira angola

26.07.2022

Nesse encontro iríamos trabalhar com a capoeira angola. Durante toda a preparação de corpo trabalhamos algo diferente a cada encontro com o intuito de perceber o que iria surgir a partir da ativação e movimentação corporal.
Utilizamos enquanto espaço de trabalho a sede do CAAPA (Centro Arquidiocesano de Articulação Pastoral Afro) em que o grupo de teatro de Luciana se reúne, que fica localizado ao lado da sede dos Filhos de Gandhy, no Pelourinho.
Nos encontramos na escadaria em frente a Fundação Jorge Amado, como combinado, e permanecemos ali por cerca de 20 minutos para observar um pouco o movimento do largo do Pelourinho.
Ao chegar no CAAPA fiquei observando a estrutura do casarão e em seu estado de preservação e ficou notável que existe uma manutenção constante de sua estrutura.

[Essa observação me fez lembrar de algo que é repetidamente dito pelo MSTB (Movimento Sem Teto da Bahia) sobre como é preciso ocupar os espaços, pois quem ocupa, cuida. Principalmente em territórios com forte processo de gentrificação e especulação imobiliária, como o centro histórico, onde ocorre o abandono programado para este fim.]
Adentramos a sala e logo de cara Luciana abriu a janela guilhotina e um fluxo de vento delicioso se fez presente. Contemplei a vista

por algum tempo, sendo possível ver as coberturas das construções do entorno, a topografia e observar a J. J. SEABRA (ou Rua das Valas ou rio das tripas) e os movimentos ali presentes, os sons, os carros.

Conversamos sobre a experiência de sábado e juntas investigamos algumas afetações e seguimos para os alongamentos. O curioso dessa experiência é que não sei ao certo quando iniciamos a capoeira angola pois nos alongamentos já entramos no ritmo, na ginga e na intenção da prática.

(Miguel Rio Branco, Blue Tango, 1984)

Muitos movimentos de conexão com o chão, de percepção corporal para se manter no eixo e preparada para o inesperado. A capoeira angola fala muito sobre isso: estar preparada para o golpe que vier. Então os golpes de defesa são primordiais, como a ginga, que nos envolve numa rítmica em que desviamos (ou tentamos) do que

chega sem ser enunciado, e assim, a inevitável queda acontece de forma protegida. Luciana me explicou que as movimentações da capoeira angola se dão mais no chão e fizemos exercícios que tateiam isso, mas meu corpo demonstrou algumas limitações em conseguir realizar os movimentos. É preciso muita força e flexibilidade.

Incorporar a explicação dos movimentos no início foi um pouco difícil, era muita coisa pra lembrar e fui entendendo que com a repetição do fazer o movimento ia ficando cada vez mais fluido e fazendo sentido de ser. Existe toda uma sabedoria nos movimentos que é muito interessante de perceber no ato da feitura. Existe um motivo para que os quadris devam permanecer paralelos ao outro corpo e não em diagonal durante a ginga: não devemos abrir a base para não ficarmos vulneráveis a golpes. A movimentação de braços possui uma motivação: precisamos proteger a cabeça e o peito.

Acessar esses ensinamentos fez com que mudasse minha postura, meu andar na rua. "Olhar sempre pra frente, de peito aberto e acessar os olhos das costas" foi um direcionamento feito por Luciana. Assisti-la fazer qualquer coisa desperta uma vontade de continuar e de tentar, pois movimenta-se com muita inteireza e intenção no que se dispõe a fazer, algo admirável.

Seguimos nos exercícios e fomos para os golpes de ataque. Primeiro com a "chapa de frente", onde damos um chute com a planta do pé para frente. Fiz algumas vezes, timidamente. Luciana me puxou para a intenção, "Chuta essa porta, abre seus caminhos. Bota a intenção desse trabalho nesse golpe. Precisamos colocar nossa agressividade pra fora também, que tendemos a negar". Registrei a dificuldade e segui. O segundo golpe de ataque foi a "meia lua de

frente", que no embalo da ginga, acontece. É muito gostoso conseguir seguir o fluxo da ginga junto com o movimento do golpe, tudo se encaixa.

Ao final fizemos um jogo, nós duas. Gingamos juntas, frente a frente, e com a ginga fluindo, iniciamos os golpes de ataque e de defesa. Luciana explicou que antes de iniciar qualquer jogo a gente faz o cumprimento. Cada pessoa faz as reverências a sua religião, se tiver, e o jogo inicia. Ter essa camada do respeito colocada daquela forma fez toda diferença pra mim. Ao final nos abraçamos, rimos e fomos pro relaxamento.

Luzes apagadas, deitada no chão. Alongamento para relaxar a lombar com mais alguns alongamentos pelo corpo e, enfim, deitada no chão respirando lenta e profundamente.

Sempre demos atenção aos alongamentos referente à região lombar por possuir 3 hérnias de disco e não acabar com alguma lesão.

Os alongamentos no início e ao final são importantíssimos em qualquer trabalho de corpo e se faz necessário entender quais singularidades cada corpo tem para fazer alongamentos direcionados às demandas.

Muito importante manter em mente a abertura ao novo e ao estranho, durante esse processo e continuar, mesmo que no desconforto.

[Como pensar na ginga, na defesa e ataque que a capoeira angola nos convida a incorporar enquanto possibilidade de movimento durante as experiências a fim de propor outras maneiras de se colocar nos espaços? O que essa prática suscita, movimenta,

enquanto atitude corporal? Como o corpo-experiência na cidade possibilita a criação de espaços outros?]

experiência urbana: Parque Jardim dos Namorados

01.05.2023

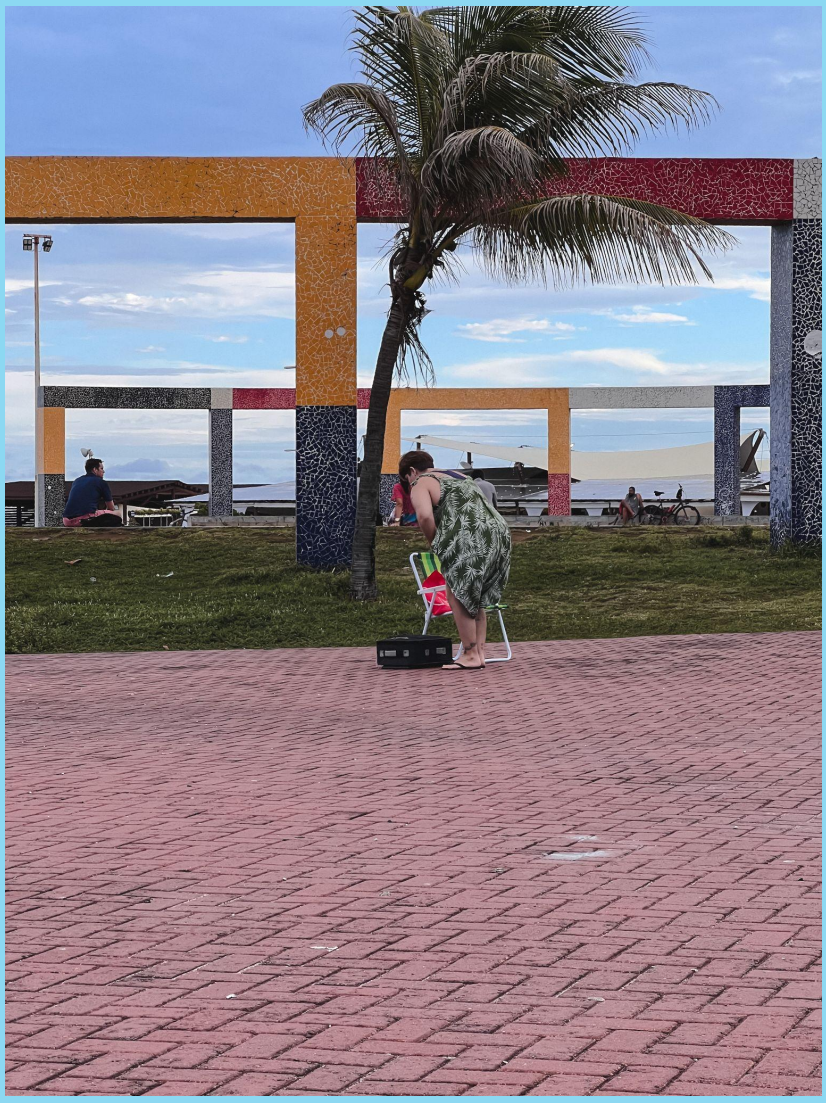
Esse dia quem me acompanhou foi João Almy. Fomos juntos até o Parque e chegamos ao local por volta das 16 horas, mas durante o caminho fui explicando de maneira mais detalhada possível o que pretendia fazer e qual a intenção por trás, para que entendesse o percurso da experiência. Pedi que sentasse em algum dos bancos do mobiliário urbano e tentasse ser o mais discreto possível ao fazer os registros com o celular. A ideia era soar que estava sozinha ali, por ter percebido que das outras vezes a presença do acompanhante estava mais marcada. Com tudo dialogado, dúvidas tiradas e o aviso de que a experiência poderia fugir do planejado, me distanciei de João e fui andando em direção ao ponto escolhido no espaço. Pedi a João que esperasse alguns segundos para chegar e não associarem a nossa parceria. Nesse dia a intenção era a de unir as propostas das duas experiências anteriores que já havia feito naquele espaço. Levar ao espaço público práticas do âmbito privado, familiar, como costurar e trocar de roupa, e vestir o corpo estranho, que agora possuía novos adornos. Me posicionei, abri a mala e a cadeira de praia, tirei o vestuário do corpo estranho e iniciei o processo de

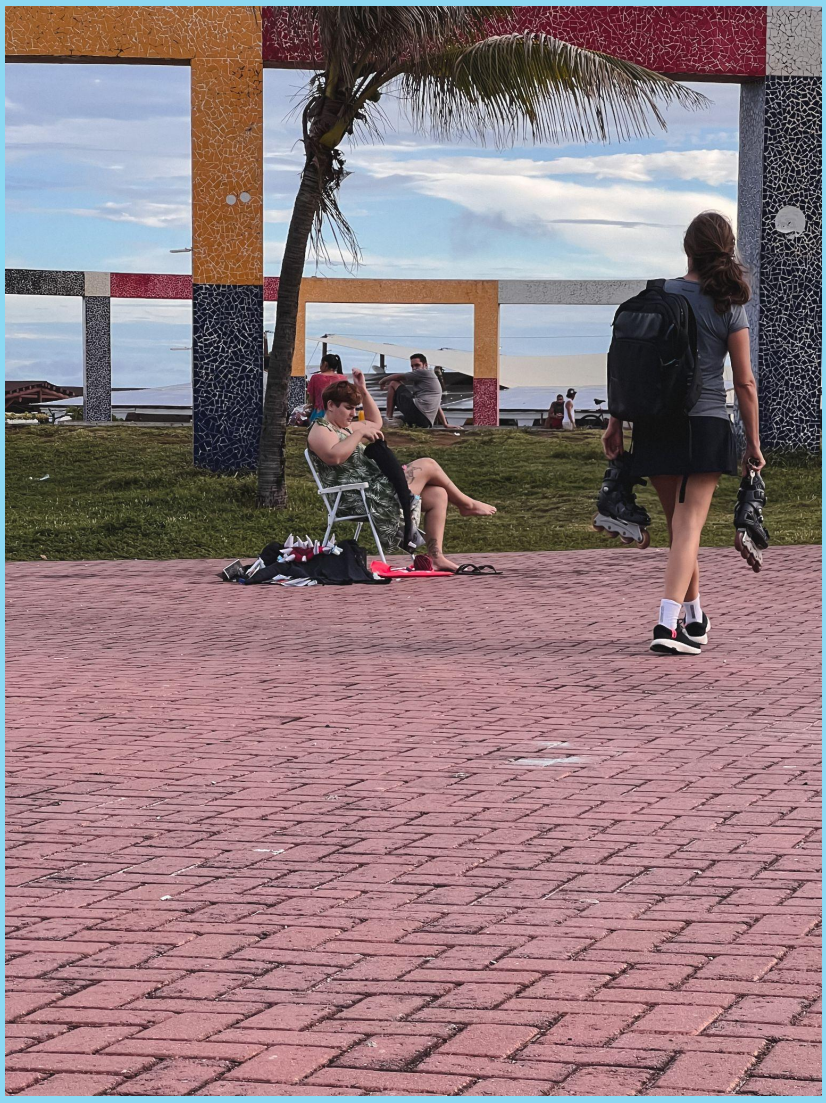
costura. Percebi os olhares curiosos de quem passava. Em dado momento desviei o olhar da costura e olhei ao redor. Meu olhar bateu logo em um homem andando de bicicleta que vinha em minha direção com um sorriso largo e espantado no rosto como quem diz: olha, que bacana *aquilo* ali. Fiquei contente com um olhar de apreciação ao que estava fazendo e rapidamente voltei à costura. Em dado momento percebi que estava muito confortável com a forma que havia me posicionado e decidi trocar de lugar com o corpo estranho, lhe dando o assento da cadeira e me assentando ao chão. Percebi que essa alteração chamava muito mais atenção ao que estava fazendo ali e os olhares ficaram cada vez mais curiosos. Percebi corpos mais próximos e, em alguns casos, passando por mim mais de uma vez. Ao finalizar o corte e costura dos tentáculos que havia decidido manusear naquele dia, levantei e fiz alguns alongamentos. Essa escolha parte de uma intenção de preparo e aquecimento de corpo para o momento de troca de roupa e, também, por ter percebido durante todo o processo deste trabalho que é uma prática que chama atenção. O alongamento não é um ato usual, mesmo em espaços onde se pratica esportes e atividades físicas, causando estranhamento. Fiquei alguns minutos nessa prática e, ao mesmo tempo, percebendo os movimentos ao meu redor, até que peguei o corpo estranho, o olhei, acariciei, admirei e o vesti.

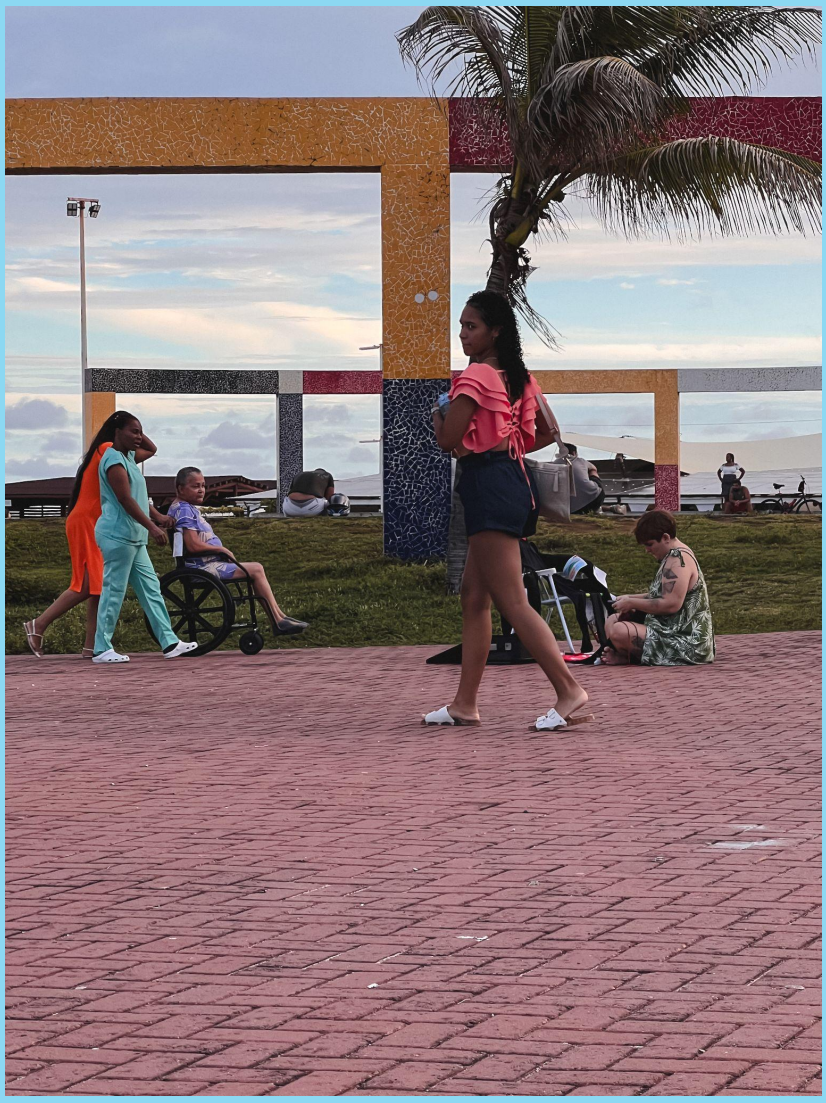
Não tivemos registros do ato de trocar de roupa, mas preciso sempre trazer como é uma sensação estranha essa de se desnudar, de alguma forma, em espaço público, coletivo. Certa vez me falaram que este trabalho é molinho. E é. Na pré-banca foi dito que o vestuário do corpo estranho, que na ocasião estava colocado à mesa,

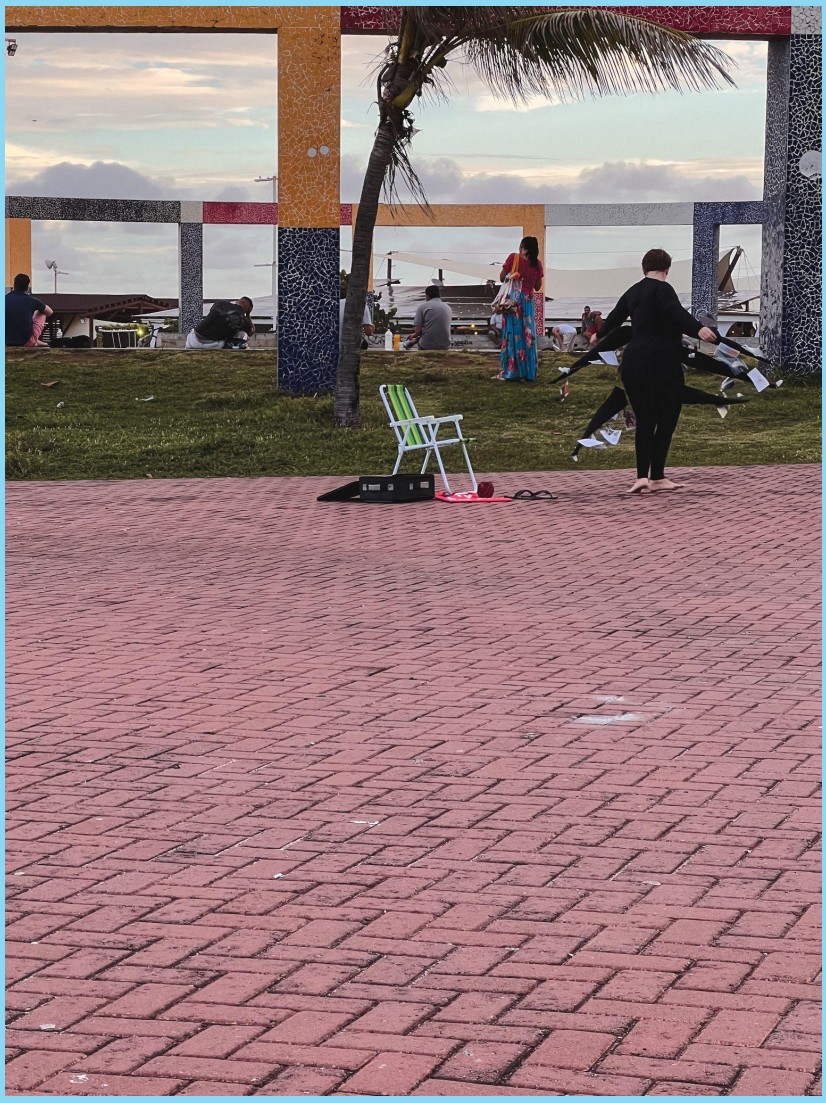
“dá vontade de apertar, morder”. E dá mesmo. Mas preciso confessar que olhar pras molezas internas e externas, cavucá-las e colocar essas vulnerabilidades, mesmo que selecionadas a dedo tendo responsabilidade com o material que colocamos à vista, é extremamente difícil. E dá medo, angustia. Em toda experiência que ocorreu um desnudar, também ocorreu uma sensação de frio nas entranhas seguida de êxtase e divertimento ao ultrapassar essa fase. É sempre muito divertido e amedrontador colocar um estranho pra fora. Brinquei, rodopiei, dancei esse estranho. Percebi seus sons e densidades e observei até onde os tentáculos alcançavam nesses rodopios, até onde conseguiam ser projetados no espaço a depender da força que impusesse. Experimentei esse corpo outro, que também é meu. Ainda entrelaçada por um movimento quase que saltitante, escolhi um tentáculo e decidi amarrá-lo no coqueiro, meu companheiro de experiência e de paisagem e que estava logo ali. Com o tentáculo devidamente amarrado, interagi um pouco com ele.. olhei os monóculos que carregava, dentro deles, li seus postais, senti sua textura. Ao final fechei a mala, dobrei a cadeira e fui embora.

Mas o tentáculo lá ficou e lá está. Recentemente passei pela região e fui olhar o que tinha sido feito dele. E para minha surpresa e alegria, os postais e fotos tinham sido reivindicados, não mais estavam ali, restando o tentáculo com os monóculos.









preparação de corpo: “é como andar de bicicleta”

06.08.2022

E finalmente a andada de bicicleta veio. Foi prevista para acontecer no primeiro encontro presencial com Luciana, mas aconteceu no último dia antes da primeira experiência. Nos encontramos às 8h40 no Parque Costa Azul, onde iríamos andar de bicicleta, mas ao chegarmos lá novamente nos deparamos com o ponto de bicicletas do Itaú somente com uma disponível. Migramos então para o Parque Jardim dos Namorados, que fica próximo ao costa azul e possui um ponto de bicicletas com maior quantidade ofertada. Chegamos no espaço e expliquei rapidamente como se dava a dinâmica de uso e ocupação e pegamos as bicicletas. Saímos do parque no sentido do Rio Vermelho, pela ciclovia da orla. Fizemos uma parada no Largo das Baianas ou de Amaralina, e nos alongamos para retornar ao ponto de início. No momento do alongamento tentamos manter uma atitude provocativa ao fazermos os movimentos com mais intenção e amplitude possível e utilizamos o mobiliário do local como apoio para tal. Em diversos momentos as pessoas (que em muitos casos também estavam se exercitando) passavam por nós com um olhar curioso. Ao voltarmos, colocamos as bicicletas no ponto de devolução e fomos tomar uma água de coco. Sentamos em um dos bancos do Parque Jardim dos Namorados que, diferente do mobiliário do Largo das Baianas (que é composto por bancos retilíneos de madeira com estrutura

metálica), é de concreto armado e com o assento curvado, delimitando o espaço de ocupação enquanto individual. Após termos bebido a água de coco, nos refrescando, e conversado sobre a prática do dia, Luciana comentou como aquele era um espaço interessante e que não conhecia. Comentei então que concordava, mas que tinham alguns elementos que o deixavam pouco convidativo, como o banco em que estávamos. Por estarmos conversando, me coloquei sentada de maneira perpendicular à direção ao qual o banco foi projetado para ser ocupado. Expliquei como escolhas arquitetônicas e de planejamento urbano aparentemente sutis como aquelas impactam na fruição do espaço ao manifestar como minha anatomia não estava confortável com aquele mobiliário. Pedi que olhasse o tamanho do assento individual e relacionei a como pessoas gordas (principalmente as gordas maiores) não cabem ali e não tem como ficarem confortáveis e permanecerem nesse espaço coletivo que deveria acolhê-las. Explanei como esse mesmo assento individual, sem ser retilíneo, não possibilita que pessoas deitem e tenham uma fruição de descanso dessa maneira e como isso também é pensado para afastar pessoas em situação de rua desses ambientes. Arquitetura hostil é o nome, disse a ela. É como se o espaço público fosse projetado para dizer: se achegue, mas não se sinta em casa. E essa arquitetura não pode ser assim nomeada somente quando colocam espinhos de concreto e/ou metal embaixo de viadutos para também negar esse espaço a pessoas em situação de rua, como usualmente é feito. Precisamos expandir o olhar e perceber os espaços com todos os seus elementos arquitetônicos, sua intenção e impacto nas mais diversas corporeidades para que tenhamos a possibilidade de

escolha consciente sobre como ocupá-los e até para que possamos reivindicar mudanças em âmbito coletivo e organizado.

CORPOEXPERIÊNCIA

Este é um trabalho ao qual a dimensão experimental e processual é o que o faz ser.

Quando pensamos sobre o que resta, o que fica, o que faremos com os aprendizados e movimentações que este trabalho suscita, de imediato surge um desejo e necessidade de retornar a teoria, pesquisando e estudando a fundo manifestações na cidade em que a errância se dá, partindo de outros corpos, em movimento de teoria-prática-teoria, assim como escavações mais assertivas sobre os territórios que sejam do interesse da pesquisa.

Entendemos enquanto necessário esse primeiro momento em que, enquanto graduanda, nos colocamos enquanto canteiro de obras, nos implicando diretamente ao que estávamos investigando enquanto teoria para termos um corpo fortalecido e com experiências para que possamos nos debruçar em novas experimentações.

Percebemos que um risco colocado ao começo deste trabalho aconteceu, o de uma narrativa com dificuldade em dialogar de maneira mais fluida com a cidade e os espaços. Esta foi uma jornada de muitas intensidades e como o risco havia sido incorporado, nos agarramos na confiança ao processo por acreditarmos ser necessário o mesmo do jeito que é.

Temos a certeza de que não saímos daqui do jeito que entramos e carregaremos o CORPOEXPERIÊNCIA **(com toda sua bagagem) por onde formos.**

Sonhamos com um futuro em que cada vez mais estudantes e profissionais em arquitetura e urbanismo se permitam acessar o sensível, sutil e suas corporalidades de maneira mais inteira em busca de uma ampliação e complexificação de atuação no campo.

futuro tempo presente (Laerte, 2022)